

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

HELENA PEREIRA BARBOZA

***"NEW POST NO FEED"* E REPERTÓRIO IMAGÉTICO:**  
REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES

VITÓRIA, ES  
2021

HELENA PEREIRA BARBOZA

***"NEW POST NO FEED" E REPERTÓRIO IMAGÉTICO:***  
REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Rocha

VITÓRIA, ES  
2021

HELENA PEREIRA BARBOZA

**"NEW POST NO FEED" E REPERTÓRIO IMAGÉTICO:  
REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profª Drª Julia Rocha  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Profª Drª Adriana Rosely Magro  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Profª Drª Maira Pêgo Aguiar  
Universidade Federal do Espírito Santo

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por Ele dar o dom da vida todos os dias, por sempre estar ao meu lado e me guiando em todos os momentos, sendo minha calma nos momentos nebulosos.

A minha família, por acreditarem em mim e nas minhas escolhas, me dando apoio em cada etapa da minha vida. Sendo a base necessária para sempre continuar.

Aos meus professores do curso de Artes Visuais, que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal, me ajudando a entender o real sentido de estudar Artes.

Ao NAVEES, que foi um dos responsáveis pela minha permanência no curso e pela minha escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso. Foi com a orientação das professoras Julia Rocha e Margarete Sacht Góes, que pude crescer como ser humano e como futura pesquisadora da área de Artes.

Ao Grupo Entre, que se tornou minha identidade, pelas trocas, diálogos e amizades que carregarei para o resto da vida.

As minhas amizades, que tornaram minha vida e minha graduação mais leve, onde fomos uma rede de apoio em todos os momentos, principalmente na pandemia.

E um agradecimento em especial para a Professora Julia Rocha, que se tornou muito mais que minha orientadora. Desde 2018 depositou sua fé em mim e me ajudou a sempre ser minha melhor versão, acreditando sempre nas minhas potencialidades antes mesmo de saber que elas existiam. Como ex-bolsista, ex-aluna, participante do entre, orientanda e amiga, fica aqui meu muito obrigada! Sem você, nada disso seria possível.

“Se o século XIX criou as regras para amestrar os corpos dóceis, as redes sociais consolidaram as normas dos olhares dóceis”.

(Gisele Beiguelman)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como premissa entender as relações entre o campo da arte e o ciberespaço, pensando em como as redes sociais podem contribuir para a formação e ampliação do repertório visual do licenciando em Artes Visuais e, posteriormente, com a sua atuação como arte/educador. Para tanto, iniciou-se a pesquisa refletindo sobre o mundo-imagem que vivemos imersos, discutindo a partir de Acaso e Megías (2017), Beiguelman (2021) e Pessi (2008). Na sequência, foi necessário compreender a formação imagética que perpassa o campo da arte e da cultura visual, refletindo sobre o papel do professor no desenvolvimento do repertório dos alunos, baseando-se em Forte (2011), Acaso e Megías (2017), Martins (2011; 2006) e Pessi (2008), além de outras referências que contribuíram para a complementação da discussão proposta na pesquisa. Para entender as potencialidades e as fragilidades dos processos de utilização das tecnologias e das redes sociais como espaços de captação de referências visuais, baseou-se em Couto Júnior (2015), Santos e Ozório (2019) e Beiguelman (2021). Por fim, a análise da temática foi realizada a partir de uma pesquisa de campo feita de modo remoto, utilizando o *Google Formulários* como ferramenta de escuta e diálogo com alunos da graduação em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. O objetivo principal das questões era entender como as redes sociais fazem parte da construção e ampliação do repertório visual, auxiliando na formação de alunos e professores nos espaços educativos e na sua relação com o consumo imagético.

Palavras-chave: redes sociais; imagem; repertório visual; professores; alunos.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Erik Kessels, 24 hrs in photo (2011)

Figura 2: Coletivo Made in China (2020)

Figura 3: Foto capturada pela autora do fragmento de um vídeo que demonstra a realidade aumentada do aplicativo do coletivo Made in China, o "made in china 91" (2021)

Figura 4: Meme feito com restaurações que deram errado (2020)

Figura 5: Foto capturada pela autora da interface do *Google* (2021)

Figura 6: Foto capturada pela autora do perfil @museudoisolamento (2021)

Figura 7: ELAS.ME, *Iceberg Social* (2021)

Figura 8: Amalia Ulman, *Excellences & Perfections*, (2014)

Figura 9: Helena Pereira Barboza, repetições da formação digital (2021)

Figura 10: Tabela síntese dos resultados quantitativos da pesquisa de verbetes nos Projetos Pedagógicos de Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

COVID-19 - (Co)rona (vi)rus (d)isease

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais/  
Arromânticas/ Agênero, Pansexual/Polisexual, Não-binários e mais

NAVEES - Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo

PPC - Projeto Pedagógico de Curso

TCLE - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

## GLOSSÁRIO

*Algoritmos* – conjunto de códigos que compõem uma sequência finita de ações executáveis padronizadas, sendo uma solução para determinados tipos de problemas.

*Aplicativos* – tipo de *software* desenvolvido para ser instalado em dispositivos eletrônicos móveis, como por exemplo, celulares.

*Bio* – área do *Instagram* que fica logo abaixo da foto de perfil, que possui um resumo de informações pessoais ou profissionais de cada usuário.

*Direct* – função do *Instagram* que permite a troca de mensagens entre os usuários do aplicativo, podendo ser escrita, imagens, vídeos e compartilhamento de conteúdos de outros usuários. Essas trocas podem acontecer entre duas pessoas ou mais pessoas.

*Feed* – área das redes sociais destinadas para os usuários terem acesso às atualizações e conteúdos seguidos.

*Hashtag* – recurso das redes sociais que consegue fazer um agrupamento de conteúdos ou grupos específicos. Isso acontece quando a legenda das postagens possui o símbolo “#” acompanhado de palavras ou frases bem curtas.

*Layout* – termo utilizado para denominar o projeto gráfico do design e dos conteúdos distribuídos em um espaço ou superfície.

*Likes* – ferramenta de interação utilizada nas redes sociais.

*Live* – trazendo para o português, significa “ao vivo”, sendo uma ferramenta disponibilizada nas redes sociais onde os usuários podem fazer transmissões em tempo real para seguidores.

*Login* – termo usado na internet para que os usuários tenham acesso aos conteúdos disponibilizados, o login e a senha é a “identidade virtual” das pessoas.

*Memes* – expressão usada na internet para caracterizar imagens e vídeos que se relacionam com humor.

*Podcasts* – conteúdo em áudio que são disponibilizados por usuários dentro de streamings ou redes sociais. Neles há assuntos com temas específicos para captar audiência das pessoas.

*Reality shows* – gênero de programa que são baseados em acompanhar a vida real dos participantes, alguns se denominam como um experimento social.

*Selfies* – estilo de fotografia que a pessoa tira fotos dela mesma.

*Sites* – local da internet identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de conteúdos.

*Softwares* – são programas/aplicativos que possuem processamento de lógico que ampliam a usabilidade dos dispositivos tecnológicos, como computadores e celulares.

*Stories* - ferramenta presente no *Instagram* onde seus usuários compartilham diferentes conteúdos em 15 segundos, podendo ser vídeos, fotos, músicas e textos.

*Streaming* – tecnologia de transmissão de conteúdos multimídia pela internet, principalmente áudio e vídeo, não tendo a necessidade de baixar os conteúdos disponibilizados nesses espaços.

## SUMÁRIO

<b>Introdução (Insira seu login e senha)</b>	12
<b>1. Selfies que viraram livro e referência</b>	16
1.1 O império das imagens contra-ataca	16
1.2 Como a Pfizer se tornou mais que uma vacina, uma referência viral em 2021	22
1.3 Em um relacionamento sério com as imagens da cultura visual	27
<b>2. Renascimento, de novo?</b>	31
2.1 “Emagreça 3 kg apenas comendo imagens”	32
2.2 Digerindo a visualidade	36
2.3 Com filtro ou sem filtro? Seleção da nutrição imagética	40
<b>3. Não temos carros voadores, mas temos celulares com acesso à internet</b>	45
3.1 A dominação das máquinas no ambiente escolar e na arte	46
3.2 Referências visuais que vêm de virais da internet	51
3.3 Redes sociais podem construir repertório imagético?	57
3.4 Como fui de zero artistas visuais para caçadora de referências	64
<b>4. Senhora, senhora! Você poderia responder esse formulário? É para o meu TCC</b>	70
4.1 Pique-esconde e café com leite das referências visuais	71
4.2 Sim, não e talvez. Justifique sua resposta	76
4.3 Professora, pode fazer dupla de três?	84
<b>Considerações Finais (É hora de dar tchau!)</b>	92
<b>Referências</b>	96

## **Introdução (Insira seu login e senha)**

Toda a conexão entre as redes sociais e um usuário acontece a partir do momento em que se cadastra, criando sua identificação com o login e a senha. Depois disso, você faz parte dela e é consumido por toda aquela visualidade, sendo atraído por conteúdos ou produtos que você nem sabia que existia mas passa a desejar. Essa dependência com as redes tem ganhado força conforme elas passam a fazer parte dos nossos cotidianos e ao mesmo tempo em que passamos horas do dia compartilhando e vendo imagens, não percebemos o quanto somos educados por elas. A nossa forma de se comunicar pode mudar simplesmente porque um meme viralizou, pelas imagens/textos motivacionais que compartilhamos ou pelas mudanças no nosso gosto musical, que fica refém das tão famosas danças do *TikTok*. E esse processo não acaba por aí, as coreografias e vídeos virais ficam tão famosos que diferentes pessoas ao redor do mundo seguem gravando vídeos semelhantes para aumentar o número de engajamento, evidenciando a dependência com o retorno que as redes nos ofertam.

A sociedade do século XXI tem sido cada vez mais marcada pela forte utilização das tecnologias digitais, onde grande parte das relações perpassam por elas. Utilizamos dispositivos tecnológicos e a internet para manter contato com as pessoas, nos divertirmos, estudarmos, armazenarmos e registrarmos momentos e documentos. É a cada dia que passa, mais pessoas têm acesso a esses dispositivos, visto que o consumo de equipamentos digitais segue em crescimento e a democratização do acesso à internet tem se desenvolvido exponencialmente. Pensando nessa dominação, devemos entender que a construção imagética dos indivíduos fará parte dessa rotina, ainda mais no contexto que estamos vivendo da COVID-19, pois devido ao isolamento social muitas das coisas que fazíamos presencialmente foram se adequando para o modelo remoto. Espaços expositivos e educativos, artistas e profissionais de diversas áreas viram nas redes sociais e na internet um espaço possível para manter as relações sociais.

Diante desse contexto, a pesquisa teve como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre como as redes sociais e as tecnologias digitais entram na formação dos licenciandos em Artes Visuais, levantando questionamentos sobre como é construído e ampliado o

repertório imagético pessoal, com discussões sobre a cultura visual, a nutrição estética, o papel do professor e as metodologias vigentes no ensino das artes visuais. A investigação da pesquisa se baseou em experiências pessoais, em análises dos projetos pedagógicos do curso e em uma entrevista feita com os alunos da graduação, visando entender o impacto que as tecnologias digitais possuem no processo de formação de um professor de artes visuais.

A escolha do tema da pesquisa parte da minha relação com as redes sociais dentro do percurso de graduação, sobretudo desde quando passei a atuar como bolsista do NAVEES, Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo, em 2018. Percebendo o movimento dos alunos da graduação e de algumas instituições de se apoiarem nesses espaços para atrair novos públicos para os seus próprios conteúdos, provoquei a criação do mesmo exercício no NAVEES - o que de certa forma já acontecia, mas pelo *Facebook* e com postagens mais esporádicas. Lembro da minha primeira reunião com as orientadoras, em que indaguei sobre a possibilidade de abirmos uma conta no *Instagram*, pensando em colunas semanais voltadas para formações, eventos e divulgações do NAVEES, já que a maioria das pessoas estavam migrando para essa rede, assim acessando uma quantidade maior e mais abrangente de públicos.

Após esse dia, várias ideias de postagens foram aparecendo, como a “terça da arte”, que inicialmente tinha como objetivo divulgar a biblioteca do NAVEES e posteriormente focar esse exercício na divulgação de artistas mulheres<sup>1</sup>; a “sexta dos memes”, que recria a narrativa de obras da história da arte com frases que se relacionam com a rotina na Universidade e fora dela; e o principal que me engatilhou na escolha do tema, o “#indicanavees”, que era um trabalho de buscar artistas contemporâneos que utilizam das redes sociais como local de postagem de seus trabalhos. Minha relação com as redes mudou, principalmente depois da criação dessa coluna, porque a internet passou a ser um espaço de formação, para além do divertimento, se constituindo como um local de pesquisa e arquivamento de conteúdos. Posteriormente, com minha entrada no Grupo

---

<sup>1</sup> A partir da seção “terça da arte”, publicada semanalmente no *Instagram* @navees.ufes, foi publicado o texto “Mulheres na arte: Ampliando referências da história para o ensino da arte” (ROCHA; GÓES; BARBOZA, 2019).

de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea, percebi que muitas referências apresentadas pelos meus colegas e por mim vinham das redes sociais, portanto, identifiquei que esse era um movimento comum entre os alunos e professores, até porque o ciberespaço tem a capacidade de alcançar outros públicos.

No decorrer do curso fui pensando nesse processo de utilização das redes como um mecanismo de nutrição estética (MARTINS, 2011) que ocorria com a web, identificando também a possibilidade de ir além das referências do sistema da arte. Contudo, em contrapartida, me questionava: porque elas não apareciam dentro da graduação por parte de professores, mesmo considerando que muitos alunos, instituições, grupos de pesquisa e a própria UFES se utilizam do ciberespaço? Não necessariamente precisariam entrar como um conteúdo curricular, mas talvez como metodologia ou referências artísticas. Partindo desse questionamento me vi instigada a ir mais a fundo para entender o afastamento das redes sociais dentro das salas de aula, mesmo com a constante presença delas nas nossas relações cotidianas.

Para dar estrutura a essa discussão, a pesquisa foi organizada em quatro capítulos, buscando compreender como funciona a captação das referências visuais a partir das aulas de artes, considerando também as memórias e experiências construídas fora das salas de aula e passando pelos artefatos da cultura visual, identificando como o ciberespaço ocupa um lócus nesse processo. No primeiro capítulo é feita uma análise de como as imagens dominam nosso cotidiano, pensando sobre sua capacidade de educar e formar uma construção visual. Para tal, foram utilizados como referências Acaso e Megias (2011), Beiguelman (2021), Martins (2006; 2011), Forte (2011) e Pessi (2008).

O segundo capítulo busca refletir mais a fundo sobre como acontece a nutrição estética e a construção e ampliação do repertório visual particular, mostrando como as escolhas pessoais e experiências dentro e fora do campo da arte influenciam nas escolhas das visualidades que entram no ensino, entrelaçando com o ambiente virtual. Neste capítulo, os autores trabalhados foram Martins (2006; 2011), Forte (2011) e Pessi (2008), que discutem sobre como o professor influencia na construção visual de seus alunos e sobre

a importância da escuta dos educandos para um diálogo e aprofundamento de referências.

O terceiro capítulo se aprofunda na temática da tecnologia digital, da internet e das redes sociais, mostrando a presença desses dispositivos na contemporaneidade com um recorte na formação e ampliação do repertório imagético. Utilizando como referência Couto Júnior (2015); Santos e Ozório (2019); e Weber, Santos e R; Santos, E (2012). Por fim, recorre-se a Beiguelman (2021), que foi um ponto-chave para repensar criticamente as redes sociais e os dispositivos tecnológicos atualmente.

O quarto capítulo é responsável por apresentar o resultado da análise dos Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES de 2006, 2010 e 2019, visando identificar a presença da tecnologia digital como conteúdo nas ementas das disciplinas; e a pesquisa de campo, desenvolvida com os alunos da graduação em Artes Visuais. A entrevista feita no *Google Formulário* teve a participação de 41 graduandos, que contribuíram com dados quantitativos e qualitativos relacionados às redes sociais, ao currículo do curso e ao papel do arte/educador no trabalho com o campo imagético. Os autores utilizados durante essas análises foram Acaso (2009); Santos e Ozório (2019); e Beiguelman (2021)

Essa escrita visa entender como as redes sociais podem auxiliar na formação do repertório visual do professor em formação; mostrando suas potencialidades e fragilidades dentro dos espaços educativos, pensando de forma crítica os possíveis desdobramentos e aprendizados desses espaços. Por fim, esta pesquisa se destina aos estudantes do curso de Artes Visuais, a arte/educadores/pesquisadores, aos professores do ensino básico e superior e a todos que se interessam por um ensino da arte contemporâneo, conectado e democrático.

## **1. Selfies que viraram livro e referência**

Acordo, pego meu celular para ver as horas, desbloqueio e vou direto para o *Whatsapp* responder as mensagens; depois, vou para o *Instagram*, rolar o *feed* e curtir sem pensar; se vejo algo interessante compartilho com alguém; depois que o *Instagram* me cansa, vou para o *Twitter*, trato a plataforma como um canal de notícias e fofocas e vou rolando novamente sem refletir profundamente sobre as informações. Quando dou por mim, percebo que nem vi as horas e nem sei quanto tempo passei nas redes. Esse é um exercício cotidiano vivenciado por muitas pessoas, que antes mesmo de se levantarem já foram atravessadas por imagens, notícias e informações que demarcam sua rotina.

Para entender como as redes sociais podem influenciar na construção do repertório visual de alunos de artes visuais e professores em formação, é preciso contextualizar como acontece a construção de um acervo imagético pessoal em um mundo onde 93 milhões de *selfies* são feitas diariamente. Estudo de identidade, objeto de identificação ou meio de comunicação, os autorretratos contemporâneos podem ser feitos sem nenhum propósito de exposição, mas também podem virar um livro de *selfies*, como Kim Kardashian fez em 2015.

Neste capítulo será abordada a relação dos sujeitos com as imagens, pensando na imersão em um universo amplamente permeado pela linguagem visual que a vida contemporânea nos impõe. A discussão percorre o consumo das imagens, que influenciam na construção de um acervo imagético individual, e a cultura visual como premissa metodológica, evidenciando como cada vivência, individual ou coletiva, pode influenciar na formação do repertório visual.

### **1.1 O império das imagens contra-ataca**

Ligamos nossos computadores, celulares e televisores, encontramos imagens, de todos os tipos de composição; saímos de casa, encontramos mais imagens: *outdoors*, panfletos, lambes, manifestações urbanas. Esse é o mundo que vivemos, rodeados por referências imagéticas que nos perpassam sem nem percebermos as mudanças que

podem causar. Ainda mais em uma rotina pandêmica que a COVID-19 forçou, onde nossas relações ficaram baseadas no compartilhamento de imagens, figurinhas de *Whatsapp*, memes, *stories* e aulas online. Acaso e Megías (2017, p. 47) afirmam que atualmente a linguagem visual é mãe de todas as linguagens, sobretudo no contexto que vivemos, onde há um super desenvolvimento tecnológico e neocapitalista, "as imagens nos constituem, mas ao mesmo tempo, resulta ser muito difícil termos que nos defendermos delas, visto que não existem instituições e indivíduos que nos ensinem a olhá-las criticamente".

As imagens são símbolos tão presentes em nossas vidas que elas são uns dos principais pontos de construção do nosso repertório visual; somos educados por elas diariamente, não só nos espaços educativos e expositivos, justamente pela imersão que vivemos em um mundo fortemente imagético. Com as imagens conseguimos enxergar novas perspectivas de relação e de mundo, visto elas serem didáticas e possuírem um grande poder de convencimento, como demonstra a publicidade e a utilização delas como prática de formação social, política, religiosa e educativa. Acaso e Megías (2017, p. 53) também acreditam nessa ideia, mas criticam o fato de sermos tão passivos a elas, por não termos tido nenhuma orientação de como devemos consumir as imagens de forma crítica:

O altíssimo nível de transformação que as imagens operam em nossas vidas ocorre porque ninguém nos ensinou a olhá-las. O problema fundamental da potencialidade dos mundos visuais que nos rodeiam acaba em como os consumimos, porque os consumimos de maneira direta e sem travas, porque são poucas as pessoas que desenvolvem uma visão crítica sobre as imagens.

Analisando esse mundo da visualidade, acredita-se na importância que os espaços educativos possuem na formação voltada para um ensino mais crítico das imagens e objetos visuais dentro e fora das escolas. Na prática, essa perspectiva ainda parece pouco desenvolvida. Até nós, graduandos e docentes de Artes Visuais temos dificuldades de sermos mais investigativos em nossos repertórios, mesmo com a forte presença das imagens nas aulas de arte (MARTINS, 2006), tanto em apresentações feitas por professores, livros didáticos ou até mesmo em trabalhos colados nas paredes dos alunos e obras de artistas.

Com essa dependência tão forte da visualidade, as imagens entraram com mais força ainda no ambiente escolar. Mas quando é mencionada e defendida sua utilização no ensino, será que se trata delas como conteúdo/linguagem ou apenas uma ferramenta de apoio para o entendimento de algum tópico? Martins (2006, p. 8) afirma, a partir de pesquisa desenvolvida com professores de Artes Visuais e História, que, na seleção das imagens:

A maioria dos professores colocaram como critério o conteúdo. As imagens servem a ele. [...] valoriza o acúmulo de informações, e que desconsidera a gramática própria da imagem e da linguagem visual, reconhecendo-as apenas como ilustração de outros assuntos. Alguns professores marcaram como critério a própria aula, isto é, novamente a imagem é utilizada como ferramenta para outros propósitos e não movendo os alunos para uma experiência.

Desde a década de 1990, com a propagação da abordagem triangular, as imagens realmente aparecem com recorrência nas aulas de arte, mas como pontua Martins (2006, p. 9) são vistas “apenas como convidadas tímidas sentadas ao lado de textos ou conteúdos, estes sim considerados os principais visitantes”. Essa utilização superficial das imagens no ensino da arte, torna cada vez mais distante a consciência da necessidade de sermos mais críticos à elas, perpetuando o exercício de passividade diante das milhares referências que recebemos durante a construção do repertório visual pessoal.

Indo de encontro com a posição coadjuvante que as imagens ocupam na educação formal e não formal, percebemos que grande parte da formação do repertório visual das crianças, jovens e adultos ocidentais inseridos na sociedade capitalista é feito pelos meios tecnológicos digitais, não mais assumindo como responsabilidade dos nossos familiares, professores, vivências comunitárias, religião e escolas. Essa percepção se baseia no tempo de consumo de imagens por meio dos aparatos digitais, em oposição ao tempo regular de uma aula de arte. Embora o grau de dependência e consumo dos equipamentos tecnológicos ou das plataformas seja vago e diferente nas variadas faixas etárias e classes sociais, muito provavelmente se estende para além dos cinquenta ou cem minutos semanais de formação em arte na educação básica. Nesse sentido, Acaso e Megías (2017, p. 54) concluem que “na atualidade são os meios de comunicação, e

principalmente os produtos de entretenimento, os que desenvolvem os processos de ensino”.

Quando se analisa essa situação, da identificação de uma transferência de responsabilidade das tecnologias digitais para formação do repertório imagético, deve-se tomar muito cuidado, pois o modo de relação com as imagens nesse contexto é habitualmente passivo, consumindo uma grande quantidade de elementos visuais sequencialmente, apenas depositando valores, conceitos e ideais, sem permitir que o usuário questione essas informações. A falta de criticidade nesse quadro pode estar relacionada com a identificação das tecnologias digitais como espaço de lazer e entretenimento, sem vislumbrar o potencial formativo que reside nesse consumo. Com isso, Acaso e Megias (2017, p. 55) alertam sobre como o docente deve se utilizar da internet e da tecnologia digital como ferramentas de ensino, não as substituindo como formadoras de repertório:

O ensino da arte depois da internet tem que entregar as artes visuais como uma ferramenta transversal de trabalho para desarticular a potência performativa das imagens capitalistas, para nos tornar capazes de diferenciar entre realidade e representação, para nos tornar capazes de questionar o desejo, para anular os altos níveis de performatividade

Como supramencionado, as imagens entram sim nas aulas de arte, a questão é quais são essas imagens e como é feita a escolha delas. A partir de pesquisa realizada, Martins (2006) acredita que as imagens que adentram nas salas de aula são elegidas pelo critério da beleza (a partir de um ideal calcado na perspectiva clássica de estética), reforçando a ideia do “bom desenho” e do talento. Martins (2011) também expõe sua preocupação nesse sentido, quando o contato da arte é movido pela beleza e encantamento, por técnicas que reproduzem fielmente a realidade com significações facilmente oferecidas, afastando cada vez mais as pessoas de produções artísticas e visuais mais questionadoras e/ou contemporâneas.

Quando se adentra de forma mais profunda no campo das imagens, principalmente voltando-se para produções artísticas e visuais contemporâneas, muitos professores não se sentem seguros para falarem sobre esse assunto, conforme pesquisa realizada por Isabela Vieira Martins (2020). Em contato com educadores do ensino fundamental da

rede básica de Vitória, concluiu-se que muitos fatores podem influenciar na falta da arte contemporânea nas salas de aula do ensino fundamental, como a não entrada da mesma como conteúdo no período de formação acadêmica do professor e a estrutura ainda em construção desse momento da história da arte.

Em diálogo com a pesquisa, Acaso e Megías (2017, p. 55) afirmam que “a educação silencia a presença da arte contemporânea”. Algumas das explicações mencionadas pelas autoras são por ser uma produção subjetiva, sem respostas fixas, que precisam ser experienciadas, o que implica no fato de que poucos sabem lidar com os possíveis desdobramentos e perguntas feitos pelos alunos, além dos conteúdos que abordam temas entendidos como polêmicos, tais como gênero, sexualidade, nudez, feminismo e racismo, por exemplo. Martins (2011, p. 312), também fala sobre essa escolha de movimentos do passado da história da arte e por que as produções atuais são deixadas de lado:

É mais fácil expor sobre uma estética romântica do que diagnosticar uma estética pós-moderna, caracterizada por uma falta de porto seguro para os conceitos. A obra de arte já não pode mais ser lida dentro de movimentos estilísticos, nem procura mais descobrir o mundo, pois é o prolongamento do próprio artista, com sua subjetividade mergulhada nas ambiguidades e diversidades culturais do mundo contemporâneo.

Adentrar num modelo de ensino que adota a subjetividade como premissa - onde o aluno deve aprender a investigar e questionar as imagens - pode ser desafiador, até porque vivemos em um mundo onde a valorização do padrão visual é constante e onde a palavra estética passou a significar beleza quando falamos de corpo e arte, colocando parâmetros dificilmente alcançáveis, influenciando a forma de olhar o mundo, onde apenas quem é magro é bonito e apenas quem desenha o mais próximo do real tem a chancela daquilo que é considerado arte pelo campo da educação e da própria arte. Esses significados são produzidos em diferentes lugares, tanto nas redes sociais, como nas escolas e com docentes que pensam o mundo das imagens.

Em tempos em que a palavra estética cada vez mais se relaciona à beleza do corpo, com tratamentos e cirurgias, com esteticistas cada vez mais especializados, o termo parece distanciar-se de sua ligação com a educação ou com a experiência estética, ou, ainda, é travestido de uma intenção de beleza, frequentemente conectado com obras ditas bem feitas que reproduzem a realidade do mundo. Afinal, o que tenho chamado de “olhar de missão francesa”,

preso a valores acadêmicos da arte, ainda está presente nas escolas como a melhor e verdadeira arte. (MARTINS, 2011, p. 312)

Nesse sentido, é limitante quando o professor tem liberdade para trabalhar com temas que podem instigar os alunos a serem mais questionadores, mas sempre se volta para questões tradicionais e que sejam de fácil entendimento, com interpretações lineares e objetivas calcadas num modelo de arte e educação distante da vivência cotidiana. Pessi (2008, p. 35) afirma que para ampliar as escolhas dos educadores é preciso fomentar uma preparação que abarque o “conhecimento em arte, aliada à formação de professores capazes de ler, produzir e escolher imagens”. A proposição implica pensar que os professores precisariam de orientações e formações continuadas, pois com a entrada dos meios tecnológicos digitais e da internet cada vez mais próximos das escolas é preciso haver responsabilidade das políticas públicas no que se refere aos processos formativos.

Essa não é uma questão que cabe somente aos arte/educadores, mas a todos nós, que ficamos perdidos com essa avalanche de imagens e que estamos em um processo para entender as consequências que as mesmas podem causar na criação do nosso repertório visual e na elaboração das nossas identidades. Algumas dessas consequências foram pontuadas por Acaso e Megías (2017, p. 52):

As imagens não só relatam ou enunciam discursos, mas fazem com que nos sintamos mal, quando vamos à academia, quando nos desentendemos com quem vivemos, nos fazem odiar, gritar e, fundamentalmente, nos fazem comprar. Sua fúria nos situa em um vértice psicótico que nos afeta o dia a dia. As imagens, portanto, têm consequências; não só ilustram, decoram ou adornam: as imagens nos transpassam.

Criar essa consciência crítica sobre as imagens é uma urgência no mundo contemporâneo, sobretudo quando o campo imagético desenvolve e amplia distúrbios de identificação pessoal, elege candidatos por meio de notícias falsas e propagandas ou gera um consumismo exacerbado que implica diretamente em questões sociais e ambientais. Devemos ficar atentos em como é construído o repertório visual, sobretudo pensando em entender como é feita a seleção das imagens que escolhemos utilizar nos planos de ensino, pensando que os professores podem influenciar em como os estudantes captam os conteúdos dentro e fora da escola. Para isso, Acaso e Megías

(2017, p. 55) acreditam que um possível caminho para o desenvolvimento de uma consciência crítica em seus alunos está na utilização mais difundida da produção artística contemporânea:

Entendendo as artes contemporâneas como um dos poucos grupos de imagens que pretendem despertar nossa consciência crítica, devemos começar a considerá-las como ferramentas de inovação educativa que dão uma resposta aos problemas das sociedades contemporâneas, a fúria das imagens.

Portanto, diante da confirmação de que as imagens estão muito presentes em nossas vidas, questiona-se: como algo que está tão fincado na nossa formação entra como conteúdo nas salas de aula? Quais são as imagens que estudamos? Como funciona a entrada das imagens nas escolas e nos cursos de formação de professores? Como tornar a utilização da imagem algo que possa instigar a vontade de investigá-las e questioná-las? Essas perguntas serão analisadas e refletidas no decorrer dos próximos tópicos, visando identificar como funciona a construção do repertório visual e como se elaboram as escolhas das imagens que entram nos processos de ensino.

## **1.2 Como a Pfizer se tornou mais que uma vacina, uma referência viral em 2021**

Você já parou para contar quantas imagens aparecem no *feed* das suas redes sociais em um dia? Quantas curtidas você deu hoje? Você lembra qual foi a última imagem que você viu? Segundo notícia do *site* G1<sup>2</sup>, em 2014 foram postadas 80 milhões de fotos por dia no aplicativo *Instagram*, e o número de curtidas diárias passou de 3 bilhões. Quando colocamos em números, percebemos o quão assustador é a dominação das imagens na nossa vivência – e essa análise foi feita a partir de uma só rede social.

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/instagram-e-usado-por-400-milhoes-por-dia-sao-80-milhoes-de-fotos.html>



Figura 1: Erik Kessels, 24 hrs in photo (2011)

Em diálogo com esse dado apresentado pelo portal de notícias, o artista Erik Kessels<sup>3</sup> fez uma instalação em 2011 sobre a avalanche imagética que nos rodeia, imprimindo 350 mil fotografias postadas no período de 24 horas na rede social *Flickr* e as colocando em ambientes fechados, dando ainda mais essa sensação sobre a dominação da imagem na contemporaneidade. O número de 350 mil imagens parece irrisório diante das 80 milhões postadas hoje no *Instagram*, mas fisicamente já era assustador vislumbrar o volume que representavam quando impressas. A comparação entre os dados possibilita perceber no período de dez anos um aumento de praticamente 230 vezes mais imagens postadas diariamente em uma rede social.

Para conseguir sobreviver a isso, nós somos diariamente obrigados a fazer um recorte das visualidades que o mundo nos apresenta e de forma consciente, ou até mesmo inconsciente, realizamos uma seleção das imagens que queremos guardar ou descartar. Pessi (2008, p. 21-22) diz que a “[...] quantidade de imagens que o mundo nos dá a ver é

---

<sup>3</sup> Fonte: <https://www.erikkessels.com/24hrs-in-photos>

impossível de registrar, por isso selecionamos, escolhemos aquelas que desejamos nomear como imagens mais significativas”. Esse processo ocorre na vivência cotidiana e também nos exercícios educativos.

São as imagens que não descartamos que constroem nosso repertório visual, elas podem ser memórias afetivas de qualquer época da vida, de obras de artes vistas em museus/galerias/livros, de um vídeo viral ou de uma foto que apareceu rapidamente no seu *feed*. Essa seleção de conteúdos acompanhará as construções de relações em várias áreas pessoais. Nesse sentido, Forte (2011, p. 833) diz que:

O termo repertório visual, pensado a partir de estudos sobre a cultura visual abarca tanto imagens de obras de arte quanto as imagens cotidianas que passam por nossos olhares e que, muitas vezes, modificam nossos modos de ver, seja a capa de um caderno, a gôndola de um supermercado com seus produtos enfileirados, um site de bate-papo, uma narrativa fílmica, um *outdoor* ou um *graffiti*.

Entender que o repertório visual está muito além das referências acadêmicas dadas nos espaços educativos é o ponto-chave da discussão elaborada aqui. Grande parte da formação imagética hoje vem da cultura visual, principalmente dos meios tecnológicos. Um exemplo ocorrido recentemente, no ano de 2021, aconteceu com a viralização do vídeo Pfizer<sup>4</sup>, criado e postado no perfil @essememino do *Instagram*, que faz uma análise cômica dos e-mails não respondidos da indústria farmacêutica Pfizer pelo atual governo brasileiro. Essa viralização fez com que as pessoas produzissem figurinhas de *Whatsapp*, dublagens de *reels* e *Tiktok*, vídeos traduzidos em diferentes idiomas e utilizassem as frases faladas no roteiro para se comunicarem. Assim, não somente temos uma imagem fora do sistema da arte ou das referências acadêmicas sendo continuamente partilhada entre as pessoas, como a partir dela outras tantas imagens foram criadas e enviadas continuamente. Esse foi um exemplo de muitos que acontecem cotidianamente, amplificando a produção e o consumo imagético.

Além das experiências virtuais, temos ainda as que podem acontecer quando saímos de casa, pelo massivo preenchimento que as imagens fazem no espaço urbano e nas

---

<sup>4</sup> Fonte: [https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?utm_medium=copy_link)

publicidades. Forte (2011, p. 834) também acredita que composições cotidianas podem influenciar nas nossas referências, afirmando:

[...] então as compras em um supermercado onde cada corredor o prendeu por um tempo maior ou menor, pelas cores das embalagens, formatos, distribuição e alinhamento e assim identifica um acervo imagético que se dilui entre tantos outros pensamentos e imagens e que se solidifica ou se manifesta em outros espaços.

Assume-se, portanto, que o repertório imagético de uma pessoa é uma mistura de vários campos que se sobrepõem diante da profusão de estímulos visuais. O desafio está em acessar o conjunto de volumes que compõem os repertórios, uma vez que eles não são organizados em caixas catalogadas. Na verdade, eles se constroem enquanto vivemos e seguem sendo continuamente ampliados no cotidiano com novas experiências, podendo estar presente nas escolhas pessoais, nas relações estabelecidas socialmente, no âmbito acadêmico, dentre muitas outras vivências.

No caso específico dos professores de artes visuais essa questão da ampliação das vivências para elaboração do repertório se assume como um exercício constante. A relação com o mundo-imagem se torna mais ativa e provocada quando pensamos no papel que os arte/educadores têm na formação crítica do campo da visualidade. Nesse sentido, Forte (2011, p. 834) acredita que os professores de artes precisariam investigar e entender como o repertório visual está presente na construção dos conteúdos:

[...] acredito ser pertinente neste momento, investigar como nós professores de artes visuais percebemos nossos repertórios visuais articulados às elaborações de nossas aulas, como nossas imagens e artefatos que estão percorrendo nossos caminhos diários, nossos cotidianos se entrecruzam com nossa formação.

Essa investigação e análise do repertório visual deve ser feita de forma contínua pelo docente e graduando em artes, ainda mais numa contemporaneidade acelerada onde a quantidade de imagens postadas a cada dois minutos ultrapassa a quantidade de fotografias produzidas durante todo o século XIX, segundo a postagem feita pelo perfil da artista Giselle Beiguelman<sup>5</sup> no *Instagram* @gbeiguelman. Beiguelman (2021, p. 32),

---

<sup>5</sup> Fonte: [https://www.instagram.com/p/CQhtnz2nYmK/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CQhtnz2nYmK/?utm_medium=copy_link)

também afirma que um ponto interessante dessa ampliação da quantidade de imagens disponíveis no século XXI:

Desde o Renascimento, as imagens estiveram diretamente relacionadas a instâncias de classe, gênero e poder político, reservadas primeiramente a figuras sagradas, reis, aristocratas e papas e, depois, a políticos e burgueses abastados. Ao longo do século XX, as comunicações de massa expandiram o raio de quem podia se transformar em imagem publicada e passível até de ser arquivada. Mas é apenas no século XXI, com a câmera digital e a internet, que se pode falar em multiplicação e em diversificação em grande escala do espectro social e cultural dos registros imagéticos.

Porém, deve se considerar, nessa comparação, que as redes sociais abarcam a publicação de variadas tipologias de imagens, compreendendo não somente fotografias ou trabalhos de arte, mas também ilustrações, reportagens, memes, produções plásticas, dados estatísticos, textos, para citar alguns exemplos. Assim, essas não se restringem apenas às representações de pessoas, como era no passado.

Diante da discussão até então elaborada, é preciso entender que as referências visuais são múltiplas, compreendendo desde memórias afetivas de várias etapas da vida, até uma pesquisa feita em sua formação, mas elas serão as imagens da sua coleção pessoal, que influenciarão nas suas escolhas imagéticas e permearão diferentes âmbitos da vivência cotidiana. Lembro-me quando as minhas referências imagéticas vinham de revistas adolescentes e de filmes, que influenciavam minha forma de vestir, comunicar e relacionar com as pessoas, além de criar uma expectativa não existente nas escolas do meu país, onde os jovens iam sem uniforme para a escola, tinham seus próprios armários e as famosas *cheerleaders* no jogo de futebol americano. Viver essa realidade era o meu sonho e fazia muito mais parte do meu repertório do que a realidade em que eu vivia. Hoje, essas referências são criadas dentro das redes sociais. Nesse sentido, Pessi (2008, p.17) pontua sobre a sua experiência e como ela pode ser plural:

O desenho do vaso e a fotografia das bonecas, entre outras, são minhas imagens. São muitas as imagens ao longo de uma vida. São muitas as imagens ao longo de uma formação na área de arte. São várias as obras de arte ou suas representações que desencadearam projetos de ensino. São inúmeras as imagens marcantes entre as pessoas e o cotidiano, o mundo natural, o mundo construído, o poético mundo nano ou o imponente mundo universal.

Apesar de entender a necessidade de estudo do próprio repertório, caberia aos professores e graduandos em artes também serem observadores abertos para entender a construção visual de seus alunos. As coleções dos diferentes interlocutores também farão parte da rotina de sala de aula e a partir dos atravessamentos dos diferentes repertórios poderão surgir muitas conexões com o universo da arte e da cultura, provocando os alunos a serem investigativos e críticos com as imagens que os rodeiam. Essa questão se torna ainda mais urgente quando pensamos na proliferação de aparelhos celulares que as pessoas têm contemporaneamente, no número de plataformas de *streaming* que se amplia a cada ano e nas diferentes possíveis redes sociais de compartilhamento de imagens que se solidificam no nosso cotidiano como entretenimento e trabalho.

### **1.3 Em um relacionamento sério com as imagens da cultura visual**

Hoje, com a disseminação em massa dos *smartphones* e o crescimento diário das redes sociais, as imagens estão cada vez mais fincadas na nossa rotina. Só em 2020, com decorrência do isolamento social, o Brasil teve um aumento de 40% do consumo das redes sociais, segundo o *site* de notícias Primeira Pauta<sup>6</sup>. Esse aumento representa como as plataformas ocuparam um espaço antes dividido entre as relações sociais presenciais, dando mais espaço aos meios digitais em nossas vidas.

Com esse aumento de público e criadores digitais, o proprietário do *Instagram*, Adam Mosseri, anuncia neste ano de 2021 que o aplicativo não será mais apenas um espaço para compartilhar fotos e que pretende fazer atualizações focadas na área postagem de vídeo, devido ao grande sucesso dos *reels* e de outras redes sociais, como o *TikTok* e o *YouTube*, segundo o *site* de notícias *techtudo*<sup>7</sup>. Essa mudança no formato da plataforma propõe um diálogo com Pessi (2008), que afirma que as imagens que vemos não são

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://primeirapauta.ielusc.br/2020/12/15/tempo-em-redes-sociais-aumenta-40-na-pandemia/#:~:text=Esse%20foi%20o%20dado%20levantado,atrativos%20para%20entret%C3%AA%2Dlas%20aumentou>

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/07/instagram-nao-e-mais-um-app-de-fotos-diz-chefe-da-rede-social.ghtml>

mais uma escolha pessoal e sim que somos submetidos a elas diária e continuamente. Levando em consideração essa perspectiva, podemos relacionar isso com a realidade virtual e os algoritmos das redes sociais, que são responsáveis por fazer um recorte dos conteúdos que possam nos interessar, codificando nossos gostos e apresentando vídeos, imagens, notícias e até mesmo produtos para consumo.

Em um contexto geral, as pessoas se acostumaram a essa propagação massiva das imagens, independentemente da idade, assumindo que elas representam um conteúdo infundável, até porque foi um processo gradual de fortalecimento da televisão, da publicidade, da internet e das mídias. Mas, retornando para a perspectiva da educação, como tratamos sobre o consumo de imagens das crianças e dos jovens? Será que as imagens propagadas pelas mídias digitais conseguem expandir-se para além dos aparelhos domésticos e entrarem nas salas de aula? Acaso e Megías (2017, p. 54) apontam que:

As crianças estão expostas a essa programação televisiva *mainstream* durante muitas horas do dia e, frente a isso, a escola e a família pouco podem fazer. E esse “pouco” está totalmente relacionado com uma análise crítica desses mundos visuais, com sua leitura e sua desconstrução, e com a possibilidade de gerar um conhecimento próprio sobre os temas que abordam de maneira aparentemente frívola.

Ao refletir sobre o volume e a qualidade das imagens e informações que a internet possibilita, pode-se considerar que nenhuma faixa etária está preparada para consumir integralmente todo o conteúdo oferecido e nem fazer uma leitura crítica diante desse bombardeamento. Mesmo fazendo um recorte, se pesquisarmos o verbete “Disney” no *Google Imagens*, aparecem aproximadamente 1.340.000.000 resultados no tempo de 0,86 segundos. Mesmo sendo uma consumidora dos produtos visuais dos estúdios, nunca chegarei perto de absorver essas informações. A questão se agrava quando pensamos nas crianças e nos jovens que vivem submersos nas novas tecnologias digitais e que não possuem uma problematização direta sobre as mesmas nos seus círculos sociais, talvez nem dentro das escolas e das aulas de arte.

De acordo com as pesquisas de Martins (2011) e Pessi (2008), as imagens que os professores escolhem para entrar na sala de aula não conseguem conectar-se

profundamente com a cultura visual dos alunos, pois, as seleções ainda versam com maior recorrência de imagens da história da arte, sem se apropriar de artefatos visuais que estão na rotina dos educandos. Incorpora-se dessa maneira ao ensino da arte uma necessidade de maior abertura do rol de referências visuais que são incluídas na arte/educação, não substituindo as imagens do campo, mas ampliando as narrativas e os critérios de seleção dos conteúdos.

Em vista dessa provocação, Forte (2011, p. 832) reforça a importância da abordagem da cultura visual dentro das salas de aula, principalmente quando estão ligadas aos cotidianos desses alunos e como o professor deveria entender que características tem o grupo que compõe a sala de aula e quais são as particularidades desses sujeitos:

Pensar as artes visuais em sala de aula articulada à perspectiva da cultura visual é deslocar pontos-chave institucionalizados – ensino de desenho técnico, artesanato, história da arte, recreação – para um pensamento crítico interpretativo da imagem, partindo do cotidiano do indivíduo, onde este traz consigo bagagens que podem ser muito próximas as do colega de classe, por pertencerem ao mesmo ambiente, porém, muito distantes quando analisadas outras questões, como a religião a qual o aluno pertence, o bairro onde mora, as condições físicas e sociais e os acessos a livros, internet e outros meios de comunicação e informação.

A abordagem da cultura visual dentro das salas de aula poderia estar mais presente na formação dos alunos, para que se crie uma identificação com o campo da arte, entendendo que essas relações com o universo imagético são mais amplas, não apenas retratando a produção de artistas da história da arte e sobre suas “genialidades” que são possivelmente difíceis de alcançar e relacionar com a vivência cotidiana. Forte (2011, p. 883) também demarca que a relação com a cultura visual acaba possibilitando ao professor inserir em sala de aula conteúdos interdisciplinares, “tornando híbridas as relações de, por exemplo, conteúdos factuais da história da arte com imagens do cinema, da internet, da arte contemporânea, da TV e dos caminhos percorridos nos trajetos rotineiros de cada aluno”.

Assim, é preciso compreender que estudar as imagens na cultura visual vai muito além do estudo de obras de arte presentes na internet, pois o campo está ligado ao território visual das vivências. Esses conteúdos imagéticos são potentes, podendo se relacionar com outros campos, como propôs Forte (2011), além de poderem se conectar com

tecnologias digitais que fazem parte do cotidiano de todos, como as redes sociais, os cinemas, a internet, entre outros meios.

Relacionando o campo da cultura visual com o sistema da arte, assumimos que o espectro de trabalho dos arte/educadores se torna a cada dia mais complexo e profundo, evidenciando a necessidade de se refletir sobre o mundo-imagem. Diante do tempo e da quantidade de imagens que atravessam nossas rotinas precisamos criar estratégias de seleção que possibilitem identificar afetos ou questionamentos diante do campo. Assim, alcançariam a formação do repertório imagético e os recortes criados por professores e estudantes no processo de estudo das artes visuais.

## 2. Renascimento, de novo?

A escolha das referências visuais de professores é parte da ação de educar. É nela que acontece a seleção das imagens que poderão ser passadas como conteúdo para os educandos e das imagens que servirão como base de suas práticas docentes. Nota-se que as memórias afetivas, as experiências, as trocas e conversas, as visitas em espaços expositivos, o acesso à internet, as redes sociais e as referências acadêmicas fazem parte dessa construção imagética, que perpassa diversas relações e escolhas pessoais. Nos dias de hoje, é difícil não estar rodeado com algum dispositivo tecnológico que permita acessar muitas realidades, com isso é de extrema importância a conscientização do olhar crítico, para que os símbolos que atravessam esse cotidiano sejam mais significativos.

A conscientização, o olhar mais crítico para a realidade, se apresenta como um processo contínuo, como uma atitude que não se esgota, pois a cada nova realidade, nova reflexão se faz. O ato ação-reflexão constitui a unidade dialética entre consciência e mundo, é o que faz as professoras escolherem imagens que possam ser discutidas conforme o contexto dos alunos e o contexto da produção artística, entre outros assuntos. (PESSI, 2008, p. 63)

A construção do olhar crítico é um processo que demanda tempo, em que deve ser investido estudo, indo ao extremo oposto que o mundo das imagens nos ensina. Ir contra isso é prezar pela experiência estética que as referências podem trazer, visto que a cada ato de reflexão há uma nova forma de enxergar a realidade. Quando se propõe essa análise crítica, torna-se o processo contextual, levando para a sala de aula o intuito de auxiliar os alunos a fazerem o mesmo, propondo uma curadoria de imagens que podem entrar nas aulas e na vida deles, conectando-se com sua realidade, causando um efeito de continuidade.

Pode ser que a construção de um repertório visual acabe não entrando tão diretamente nos conteúdos propostos nos planos de ensino, fazendo com que os professores se apoiem demais nas mesmas referências acadêmicas da história da arte, como Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Rafael e Donatello, as “tartarugas ninjas” do Renascimento, dando a impressão que arte é coisa do passado e que hoje não existem outros artistas produzindo. Pessi (2008, p. 83) afirma que “para que as imagens contribuam para

atualizar professores e seus processos de ensino, no cenário que se apresenta, será preciso entender que a arte não se diferencia da realidade, mas sim faz parte dela”. Por isso, é tão necessário o aprendizado do olhar “escavador” do educador, como propõe Martins (2011), para que ele consiga se apoiar não só nas referências de um eixo dominante que aprendeu na formação, mas passe também pelas experiências visuais vivenciadas, que podem estar presentes num perfil do *Instagram*, nas séries dos variados serviços de *streamings* ou nos grafites e pixos da cidade.

Entender que as referências podem estar em qualquer lugar é um trabalho sobre o olhar, que pressupõe enxergar que os conteúdos podem aparecer com diálogos dentro e fora do academicismo da arte. Para além dos espaços físicos onde as imagens são cada vez mais propagadas, aqui discute-se sobretudo a formação de um repertório na utilização de suportes das tecnologias digitais. Assim, a partir desse ponto da pesquisa, a abordagem versa sobre como as redes sociais podem influenciar no aumento do repertório artístico de um aluno de artes visuais e futuro arte/educador, utilizando obras produzidas para serem expostas nas redes sociais por artistas contemporâneos, memes sobre história da arte, exposição de galerias e museus online e conteúdos decoloniais sobre arte que fogem da cultura ocidental e binária imposta socialmente.

## **2.1 “Emagreça 3 kg apenas comendo imagens”**

A construção e ampliação de um repertório imagético passa por um exercício denominado por Martins (2011) como nutrição estética. Ao se pensar na raiz de cada palavra envolvida no conceito, nutrição trata do ato ou efeito de nutrir e estética é a parte da filosofia voltada para a reflexão a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico. Assim, nutrição estética seria o ato de nutrir de beleza. Mas como citado no capítulo anterior, a autora repensa a noção de estética estritamente vinculada ao conceito de origem, pensando-o como visualidade e arte.

O termo nutrição estética apareceu em minha vida de professora na década de 1980 [...]. O objetivo era provocar encontros com a arte e não necessariamente gerar um trabalho mais específico sobre ela. Enriquecer os integrantes do grupo com o que as próprias obras que traziam – poesia, fragmentos de filmes,

imagens, obras de arte, trabalhos de crianças ou jovens – para alimentar olhares, percepções, pensamentos. (MARTINS, 2011, p. 313)

Assim, nutrição estética passa a ser compreendida como um exercício que envolve a interdisciplinaridade da arte, estando mais ligado a experiências ampliadas de contato com o campo, pensando nas escolhas e nas perspectivas pessoais da seleção de imagens que compõem nosso acervo pessoal. Esses conteúdos não necessariamente precisam estar ligados a sua área de estudo, podem ser sobre dança, cinema, novelas ou atividades feitas por outros educadores; podem partir de conversas de bar, levando a reflexões mais profundas; podem vir da escuta de *podcasts*; ou até mesmo relações observadas em *reality shows* ou em conversas online.

Pessi (2008, p. 56) acredita que múltiplos estímulos provocam experiências visuais que podem ser importantes para ampliação do repertório dos docentes e dos discentes. A questão é como são filtradas essas informações, como é feita a seleção de dados que podem ser levados como conteúdo para dentro das salas de aula. Esses estímulos que recebemos com as experiências alheias também passam por nosso repertório visual, analisamos e guardamos o que achamos mais interessante, não necessariamente sendo uma ação voluntária.

Como as relações atuais estão abarcando também a virtualidade, muitos dos artistas que ampliaram meu repertório foram conhecidos por meio de encontros online ou de seus perfis no *Instagram*. Quando pesquiso mais sobre e sigo artistas que possuem redes sociais, os algoritmos acabam interligando-os ao meu gosto, filtrando a grande quantidade de conteúdos das plataformas e apresentando novos perfis. Essa perspectiva de indicação gerada pela combinação de características formais das imagens possibilita construir uma rede de repertórios que se cruzam e ampliam pela relação estabelecida nas redes sociais. Mesmo passando por indicações, foi uma escolha pessoal buscar e seguir os perfis, seja por algo que atraiu visualmente, passando por uma preferência subjetiva, ou vindo de um quebra-cabeças de referências desenvolvidas ao longo das vivências cotidianas.

Uma vez que as preferências pessoais são assumidas como critério de escolha, será que os professores devem apresentar somente aquilo que conhecem? Martins (2011, p. 313) nos impulsiona a questionar o que e como escolhemos os conteúdos que estão presentes nos planos de aula, ampliando ainda mais a experiência que as nutrições estéticas podem proporcionar:

Essas nutrições estéticas têm gerado múltiplas interpretações e deflagrado discussões que ampliaram e expandiram para outras direções: quais reproduções de obras nós levamos para nossos alunos? Que músicas escolhemos para que ouçam ou cantem? Que espetáculos de dança ou teatro lhes apresentamos? O que escolhemos para mostrar e com quais critérios? Seleccionamos apenas o que gostamos ou obras que nos provocam, que nos causam estranhamento, sobre as quais “sabemos falar” e queremos problematizar para ir além das primeiras impressões? Como propomos os encontros entre educadores/imagens/aprendizes? De onde vêm as imagens que utilizamos? São originais ou reproduções?

Talvez, com esses questionamentos, possamos perceber como os docentes possuem uma significativa participação na criação do repertório visual de seus discentes, sem negligenciar a formação que acontece de maneira informal e não formal. Por isso, é imprescindível provocar que não devemos nos fechar aos próprios repertórios, mas sim entender que alunos também possuem a sua formação imagética, tornando a presença desse indivíduo mais ativa no processo de aprendizagem. A ideia de ser mais aberto aos repertórios de cada um, pode tornar a convivência nos espaços educativos mais dinâmica, além de auxiliar no olhar de objetos imagéticos artísticos ou não e tornar a leitura mais crítica para a cultura visual, podendo provocar uma experiência estética mais aberta e aprofundada. Nesse sentido, Martins (2006, p. 4) pontua sobre a importância do educador como um mediador das experiências estéticas por sua prática estar “intimamente ligada à construção da ‘consciência do olhar’, como uma experiência da consciência ativa”.

Quando ativamos nossa consciência do olhar, as experiências estéticas se tornam mais críticas, provocam questionamentos e conexões, não só no olhar dos estudantes, mas do próprio educador. Essa aproximação cria uma identificação com os movimentos e conteúdos apresentados, correlacionando o contato cotidiano das imagens com o campo da arte/educação. A relação entre as imagens que seleccionamos e aquelas que

nos são apresentadas são formadoras não somente das perspectivas de visualidade do mundo, mas também da elaboração e desenvolvimento das identidades pessoais. A esse respeito, Pessi (2008, p. 78) afirma que:

A reflexão estética, ao mesmo tempo em que provoca mudanças e questionamentos, nos induz ao movimento de identificação. Trabalhar a identidade sob o viés da estética cria possibilidade de ação, no ensino e na formação de professores, compatíveis com o próprio movimento da arte contemporânea.

Todo esse trabalho de análise e ampliação do repertório visual faz com que a nutrição estética seja uma ação contínua, complexa e de trocas. Torna a ação de ensino uma experiência estética que vai além do estudo e da teorização de objetos artísticos e visuais ou das aprendizagens sobre as biografias e os elementos formais, amplia essa relação, tornando a arte e o campo das imagens algo mais profundo e identitário, que está em constante desenvolvimento, tanto por parte dos educadores, quanto da sua ação como mediadores desse processo com seus estudantes.

Ampliar esse olhar não é uma tarefa fácil ou linear, por isso os professores se sentem provocados a terem um exercício constante, minucioso e crítico para os repertórios visuais, entendendo como fazer uma seleção das imagens e dos objetos que possa provocar uma mudança e ampliação no olhar dos educandos. Esse recorte pode acontecer nas nossas próprias formações imagéticas: perceber quem está presente nelas, quem são as artistas do nosso repertório, se há a presença de capixabas, de mulheres, de negros ou LGBTQIAPN+. Martins (2006, p. 5) fala sobre a necessidade dessa provocação constante que nós deveríamos ter:

[...] ampliar o olhar, mais profundo e inquieto, para além do simples reconhecimento de autorias, por meio de uma curadoria educativa provocadora pode despertar a fruição, não somente centrada na imagem, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte, provocando leitores de signos.

Tornar o olhar mais crítico é um exercício muito importante na contemporaneidade, perceber quem são as artistas que são apresentadas dentro da sala de aula e possibilitar expandir em termos de narrativa, tempo e contexto. Por isso, é muito importante que os futuros e os atuais educadores entendam os desafios da construção dos repertórios

imagéticos, assumindo o compromisso da ampliação das referências, para que estejam continuamente exercitando sua nutrição estética e para que consigam auxiliar os alunos nas suas construções individuais e coletivas.

## **2.2 Digerindo a visualidade**

Os pontos anteriores destacaram como o repertório é construído de múltiplas formas, passando desde as escolhas pessoais, vivências, memórias, relações e atualmente pelos aparelhos tecnológicos digitais, como celulares e computadores. Agora, a questão se centra no recorte produzido para apresentação e desenvolvimento nas artes visuais, observando quais são as referências que entram dentro das salas de aula, tanto no ensino básico, quanto no ensino superior, adotando o conceito de curadoria educativa proposto por Martins (2011). Para a autora, a curadoria educativa trata de fragmentos temáticos, conceituais ou formais produzidos a partir dos milhares de repertórios que captamos em nossa vida, analisando como tornar potente o ensino e a aprendizagem. Martins (2011) defende que o termo curadoria educativa não deve se restringir aos museus e galerias, mas também adentrar nas escolas, sugerindo que os arte/educadores possam operar de forma consciente e criteriosa nas escolhas dos referenciais que serão utilizados em suas abordagens.

O termo curadoria parece estranho quando pensado fora dos ambientes expositivos, mas quando se pensa no significado da palavra, “aquele que tem uma administração a seu cuidado, sob sua responsabilidade”, percebemos que os professores também podem possuir esse cuidado nas escolhas das obras que entram ou não nas salas de aula, com o intuito de ativá-las cultural e criticamente (MARTINS, 2011, p. 313). Assim, a autora apresenta a curadoria educativa como um exercício de seleção de imagens em torno de um determinado tema, pensando na proposição de coleções imagéticas que sejam analisadas em propostas metodológicas. Algo importante de se analisar, portanto, é como essas escolhas são feitas, por quais caminhos elas passam e se suas escolhas são conscientes.

Como vimos anteriormente, grande parte das seleções das referências visuais se iniciam pelas preferências dos professores, mas há outros pontos que podem influenciar nessas escolhas. As seleções também podem estar ligadas aos conteúdos do período de formação; ao que o livro didático está propondo; à adequação das imagens ao conteúdo; à qualidade dos materiais acessíveis; a sua importância histórica; à facilidade de disponibilidade do material e ao tema que a organização da escola está propondo trabalhar no semestre/ano, para citar alguns caminhos que determinam os recortes.

Algumas escolhas não são tão conscientes, passam por uma camada social que privilegia certos sujeitos na sociedade, como a presença marcante de artistas brancos europeus/americanos ou sobre os mesmos períodos da história da arte estarem na formação dos alunos - demarcando sempre a presença dos mesmos produtores. Nessa ideia, consigo traçar um percurso do meu ensino básico até o superior, onde ocorreu uma ruptura nesse ciclo. Minhas aulas de artes na escola não falavam sobre arte contemporânea. Assim, lembro da sensação de achar que a arte acabava no modernismo e que, depois, as produções de artes eram baseadas apenas em músicas e filmes. Quando ia para exposições mediadas pela escola, as mesmas eram voltadas para as “genialidades” dos artistas renascentistas ou baseadas em algum escritor de poesia.

Com a entrada no curso de Licenciatura fui rompendo esses conceitos, pesquisando artistas, anotando falas de professores, questionando sobre a falta de presença de artistas mulheres, participando de grupos de estudos e indo em exposições. Essa busca se tornou uma prática constante na minha formação, para ampliar esses (pré)conceitos que estavam presentes desde o início do meu curso na educação. Lembro de quando entrei no Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo, o NAVEES<sup>8</sup>, ter assumido o compromisso, junto com as professoras orientadoras, de que deveríamos ampliar o acesso do Núcleo pelas redes sociais. Nesse exercício, passamos a criar conteúdo para

---

<sup>8</sup> O Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo é um espaço que reside na UFES, dedicado à formação continuada de professores de artes e a integralização dos processos educativos para alunos em artes visuais para a comunidade em geral.

o *Instagram*, pensando em materiais que fugissem das narrativas de um eixo dominante, para serem formadoras de graduandos e professores de artes visuais.

Não acredito que a obliteração de determinadas referências seja culpa dos espaços educativos e dos docentes, mas de um processo social sobre o qual leitura de mundo é imposta, fazendo com que se mantenha uma lógica branca/masculina/europeia. Antes das imagens chegarem em qualquer ambiente educativo elas também passam por uma seleção, pois, conforme Pessi (2008), todas as imagens passam por escolhas, considerando que os materiais de apoio, às publicações e outros recursos usados por professores já foram anteriormente selecionados por produtores, pela mídia e pela indústria cultural. Parece complexa essa relação que a seleção da disponibilidade das imagens causa em espaços formativos, dando a impressão que educadores não possuem autonomia nas suas escolhas, o que de fato pode ocorrer, se continuar não questionando onde estão as produções contemporâneas e as tecnologias digitais, onde estão os artistas nacionais, mulheres, negros, indígenas e LGBTQIAPN+ que debatem a lógica dominante do ensino da arte.

Ir além das referências colocadas e buscar novos locais confiáveis para acessar e compartilhar conteúdos são papéis assumidos por um arte/educador que elabora suas curadorias educativas. A seleção é a leitura de um ponto de vista da arte, assim, Martins (2011, p. 313) afirma que seleção é dizer sim e não a um conteúdo, excluindo e dando ênfase em outros e completa:

Combinação é recorte. Todo recorte é comprometido com um ponto de vista que se elege, exercendo a força de uma ideia, de um conteúdo que é desejo explorar ou de uma temática possível de desencadear um trabalho junto aos alunos. Selecionar e combinar são, então, uma interpretação do professor-pesquisador.

Mas, para além da seleção dos conteúdos, o professor deveria escavar os signos dessas escolhas, pensar quais são as possíveis discussões e impressões que os alunos podem ter, não necessariamente sabendo todos os dados das obras. Inclusive, esse processo de escolha do conteúdo pode ser uma construção de saberes realizada em conjunto com a turma. Martins (2006, p. 4-5) diz que “como em toda curadoria, a escolha das imagens faz trabalhar o olhar, um olhar escavador de sentidos. Olhar mais profundo e ao mesmo

tempo sem pressa, ultrapassando o reconhecimento, o fim utilitário das imagens, e que se torna um leitor de signos”.

Quando é desenvolvido esse olhar mais aprofundado e minucioso na leitura de signos, estudantes em formação e educadores de arte ampliam onde encontrar novas referências, não dependendo apenas dos livros didáticos e de exposições físicas de museus e galerias, mas podendo encontrar em perfis de redes sociais, nas manifestações urbanas, na cultura do bairro e também na cultura visual dos integrantes de uma sala de aula outras fontes de pesquisa. Tratar as referências imagéticas com maior profundidade e amplitude pode proporcionar experiências diversas, uma fruição com mistura de provocação, não se limitando apenas ao que a referência visual retrata formalmente. Martins (2006, p. 3) acredita em uma educação com mais profundidade e afirma que o caminho para essa ação é a curadoria educativa:

Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos.

Quando educadores acrescentam o fator investigação e curiosidade, instigam os alunos a fazerem o mesmo, a buscarem novas referências ou olhar de forma mais profunda para as próprias imagens, adicionando suas interpretações e vivências dentro dos diálogos propostos em aula. Pessi (2008, p. 35) fala que “muitas vezes não nos lembramos o quanto as imagens apresentadas aos alunos podem intervir na construção do seu conceito de arte”, fato apontado no tópico anterior, em que se situou que educadores podem influenciar na ampliação do repertório artístico das turmas, possibilitando a ampliação ou até mesmo redução da perspectiva da arte. Para evitar essa possível redução, é importante deixar sempre em aberto alguns pontos, instigar os alunos a serem mais ativos na leitura das imagens, aprofundar mais os olhares, proporcionar um lugar de fala e não reprimir a interpretação que cada um teve sobre as representações apresentadas.

A proposição de curadoria educativa lançada por Martins (2006) não apresenta apenas referências do campo da arte, mas também está ligada na construção do repertório visual de maneira geral, passando por múltiplas referências, como tem-se defendido até esse ponto. A ideia é que o professor consiga ser como um *bricoleur*, que utiliza de fragmentos de acontecimentos para propor conexões não previstas, garimpar essas referências que estão no seu estoque mental para que criem conexões e sejam ativadas por meio da mediação.

Essa perspectiva relembra que a formação de um educador em arte não precisa estar centrada apenas dentro dos centros e pesquisas acadêmicas. A construção do repertório é muito ampla, perpassando por diferentes contextos, principalmente na tecnologia digital, local que tem ganhando mais dimensões para os espaços expositivos e artistas contemporâneos, abrindo a possibilidade de conectarem-se com os públicos e demais sujeitos do sistema da arte.

### **2.3 Com filtro ou sem filtro? Seleção da nutrição imagética**

Quando o professor está fazendo o planejamento das aulas pode utilizar diferentes instrumentos como suportes para proposição de seus projetos, tais como livros didáticos, *sites*, aplicativos, redes sociais, livros, filmes, entre outras possibilidades. Essas escolhas se iniciam pelas preferências imagéticas pessoais, mas também abarcam o conjunto de fontes que o arte/educador tem acesso.

Considera-se também nesse processo a acessibilidade dos materiais e fontes, o suporte que os espaços educativos dão para a utilização delas e a possibilidade de formação continuada que as políticas públicas trazem para os docentes. Porém, na perspectiva até então reproduzida pela educação tradicional se perpetua a ideia dos professores como fonte primária da maior parte dos conteúdos e, nesse sentido, Pessi (2008) analisa que educandos aprendem como arte aquilo que o professor apresenta como arte e segue afirmando que:

[...] quando o professor com seu reconhecido *status* de professor ou autoridade de conhecedor da área afirmar: “isto é arte”; ou “esta imagem representa um

objeto de arte”; ou “esta imagem não é arte”, estará determinando não apenas inclusões e exclusões no repertório de seu aluno, mas criando categorias e, ainda, atitudes que poderão restringir a atitude reflexiva que a arte contemporânea propõe.

Esse conceito de educadores serem fontes primárias de grande parte dos saberes que circulam em espaços educativos e que são figuras de autoridades dentro da sala de aula pode resultar na ausência ou no apagamento do indivíduo aprendiz na construção do saber, tornando um processo unilateral, sem trocas e conexões. Essa perspectiva pode prejudicar as relações que estudantes criam com os conteúdos abordados ou na percepção do que consomem e produzem enquanto produto cultural. Entender que cada indivíduo tem espaço nas construções dos saberes, faz com que se perceba sua importância dentro dos processos, podendo levar à mudanças no direcionamento das aulas e reflexões que nem o educador poderia prever durante o planejamento. Quando percebemos que o processo da educação vai muito além de “transmissões de saberes” (FORTE, 2011), a figura do professor pode mudar para mediador, tornando os espaços educativos lugares de trocas.

A formação docente está imbricada não somente na ideia de um professor detentor de saberes a serem repassados para os alunos, como talvez se tenha pensado um dia e que por vezes é encarado nos dias de hoje. Nesse momento em que vivemos, o professor adentra os espaços escolares imbuído sim de conteúdos, mas também os absorve nesses espaços, e um sistema de trocas pode acontecer entre professores, alunos e todo o corpo escolar na medida em que os caminhos vão sendo construídos. (FORTE, 2011, p. 830)

Ser aberto aos elementos que compõem o espaço educativo, as tecnologias digitais, a comunidade externa e a cultura do local é fundamental para entender os repertórios que vivem dentro das escolas, pois são esses elementos que possibilitaram causar identificação com os indivíduos presentes nesses espaços. Essa ideia de perceber o professor como uma figura mediadora que não exclui os saberes acadêmicos, também traz importância para a formação dos repertórios visuais e para a proposição da nutrição estética.

A questão aqui trata de entender como abordar e como relacionar as narrativas e comentários de estudantes com os conteúdos de artes visuais. Martins (2011) entende que o convite da mediação não é um jogo de adivinhação ou uma explicação, mas uma

decifração, uma leitura compartilhada, que tem o objetivo de criar múltiplos pontos de vista. Isso não quer dizer que professores não irão deixar de passar conteúdos de história da arte ou aulas práticas que envolvam as técnicas mais tradicionais, como desenho, pintura e escultura; uma perspectiva metodológica não anula a outra, o que se propõe é justamente uma ampliação.

Essa criação do espaço de mediação entre discentes e docentes é produtiva para o desenvolvimento de crianças e adolescentes na formação escolar. Martins (2011) fala de um ponto de vista de uma mediadora cultural que pensa a educação em espaços expositivos e museais, mas essa perspectiva pode ser transposta para o contexto da sala de aula, já que com a mediação de um professor, a experimentação do aluno com obras de artes e imagens iria para além dos aspectos da fruição contemplativa. A autora (2011, p. 315) aponta que:

A mediação cultural pode ser o espaço da conversação, da troca, do olhar estendido pelo olhar de outros que não elimina o do sujeito leitor, seja ele quem for... Sem intercessores, talvez nosso olhar poderia ficar amarrado à beleza da arte na reprodução da realidade, como se ela isso almejasse.

Quando falamos sobre a ação de um professor mediador pressupomos o diálogo e assim as relações dentro dos espaços educativos ficam mais horizontais. O “poder” de conhecimento não está centrado em apenas um indivíduo, está em um coletivo, onde as referências dos educadores se juntam com as da turma, provocando trocas, experiências estéticas e identificação com as propostas feitas. Martins (2006, p. 3) fala sobre essa ação de mediar conceitos e a ideia do estar entre muitos, entendendo a individualidade das pessoas:

O foco de nossas pesquisas, entretanto, se centra na própria ação de mediar. Não como ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um “estar entre” muitos, o que implica em uma ação fundamentada e que se aperfeiçoa na consciente percepção da atuação do mediador que está entre muitos [...]. O estar entre da mediação cultural não pode desconhecer cada um desses interlocutores e o seu desafio maior: provocar uma experiência estética e estésica.

Importante demarcar que um dos objetivos do arte/educador está na ampliação do repertório artístico dos indivíduos e não na criação dele. A construção do repertório visual dos estudantes se inicia mesmo antes do ingresso na vida escolar, assim como também

passa por variadas e complexas etapas, envolvendo as visualidades, as culturas e as memórias, relacionadas com o que os colegas desenvolvem.

Pensando na perspectiva do papel de mediador, o desafio está na questão da temporalidade também, pois, como Pessi (2008) define, a formação do repertório visual é contínua, independente de formações para docentes e das aulas de artes. A pluralidade de espaços formativos até aqui citada é indicada pela autora, porém a mesma destaca ainda que a formação de repertórios em espaços expositivos e promotores da arte acontece com menos frequência - pelas oportunidades de visitas mediadas pela escola.

O distanciamento de museus e galerias afasta ainda mais a presença de produções artísticas não institucionalizadas da vivência de estudantes. Entende-se a importância da visita de espaços expositivos como estratégia para o aumento do repertório visual e para ter contato e experiências presenciais com obras de arte e imagens da cultura visual. Contudo, também devemos considerar que nem todas possuem costume de frequentar esses espaços ou até mesmo não possuem acesso a eles. Essa questão foi ainda agravada pela realidade vivida em 2020 e 2021, por conta do isolamento social que limitou o acesso físico das pessoas a esses espaços. O distanciamento dos territórios museais deflagra a importância dessa aproximação se dar por meio da escola.

Devido a esse afastamento, não só causado pela pandemia, a internet e as redes sociais puderam se apresentar como uma boa alternativa para a diminuição do distanciamento, por serem consideradas um espaço mais democrático, onde artistas e áreas expositivas encontraram uma forma de publicizar produções e ações virtualmente. Quebrando o paradigma de que as redes sociais e aplicativos são pouco utilizados nas práticas docentes, a pandemia reconfigurou a relação entre produtores e consumidores, reavaliando o distanciamento entre sistema da arte e públicos potenciais e constituindo-se ainda mais como potente espaço de formação e ampliação dos repertórios visuais. Entramos em uma realidade em que a internet e as redes sociais viraram uma prática social consolidada na rotina de muitos sujeitos com acesso aos equipamentos digitais; um meio de comunicação e entretenimento central das relações, se apoiando na utilização de signos imagéticos. Por isso, mais do nunca, acredita-se que educadores

poderiam estar preparados para lidar com os meios digitais, abarcando as mídias e a tecnologia digitais como forma de promover a ampliação do olhar dos educandos, para que sejam mais críticos e questionadores com esses produtos visuais.

### **3. Não temos carros voadores, mas temos celulares com acesso à internet**

Em todos os filmes ou séries de ficção científica produzidos entre os anos 1980 e 2000 apareciam tantas novas tecnologias digitais, imaginando o futuro que viveríamos e as possíveis invenções e a mais comum entre elas eram os carros voadores. A possibilidade de termos deslocamentos aéreos de forma automática (ainda) não ocorreu, mas outros equipamentos não imaginados foram incorporados na nossa vida cotidiana. Mesmo com as projeções de futuro lançadas pelas produções audiovisuais, não me lembro de falarem dos dispositivos digitais como os de hoje, que facilitaram várias dinâmicas sociais, como não precisar fazer uma viagem para outro continente para conhecer sua cultura e seus espaços expositivos. Hoje temos celulares, relógios inteligentes, *tablets*, computadores e *notebooks* e todos eles possuem algo em comum: a capacidade de se conectar ao mundo com a internet.

A maior parte desses dispositivos já estão entrando nas salas de aulas como dinamizadores, repensando a lógica de como as aulas são planejadas e as possibilidades de desdobramentos das atividades propostas por professores do ensino básico até a graduação. Além disso, nos dias de hoje, achamos estranho quando alguém fala que não possui redes sociais ou qualquer outro tipo de comunicação que advém do ciberespaço. Ele está mais presente que nunca na nossa vivência cotidiana e seria interessante aprender a aproveitar todas as potencialidades que as redes sociais podem trazer para dentro do ensino das artes, já que grande parte das relações criadas nesses últimos anos vem dessas fontes.

Para entender como fomos dominados por relações virtuais, neste capítulo será abordado como o uso de dispositivos tecnológicos digitais, a internet e as redes sociais podem ser grandes facilitadores do ensino da arte, principalmente quando se fala sobre o aumento do repertório visual para fora do circuito dominante, entrelaçando com suas potências e fragilidades, já que estamos falando de um espaço que está em constante crescimento e uma capacidade de abarcar muitas tipologias de conteúdos.

### 3.1 A dominação das máquinas no ambiente escolar e na arte

No ano de 1987, deu-se início a uma metodologia que mudaria completamente a relação da imagem com o ensino da arte brasileiro, a abordagem triangular, de Ana Mae Barbosa. Mas foi na década de 90 que começou a se pensar cada vez mais sobre a necessidade de inserir referências imagéticas para dentro das salas de aulas. Foi também nessa mesma década que as tecnologias digitais começaram a entrar cada vez mais no cotidiano das pessoas, com o crescimento do processo de globalização e a democratização dos equipamentos digitais. Hoje percebemos que tanto as imagens, quanto as tecnologias digitais estão mais presentes que nunca na formação do aluno de artes visuais.

Antes de pensar no ensino atual, os acessos a produções artísticas aconteciam de duas formas: físicas, com a obra nos suportes variados da arte, ou impressas, por meio de reproduções. As imagens impressas vinham de livros de artes, livros didáticos, impressões, xerox ou materiais educativos de museus. Já o acesso físico demandava uma visita presencial do espectador em museus e galerias, que acabava sendo um fator dificultador, devido às diferenças demográficas, pois antes para ter acesso a Inhotim, por exemplo, e conhecer seu acervo, era necessário fazer uma viagem. Mas isso não se limita ao território nacional:

Pode-se ir, por exemplo, para Paris e, além de conhecer o Louvre, transportar-se, como em um passe de mágica, ao reino encantado de Walt Disney, sem sair do Velho Continente. Além disso, caso o viajante se hospede em um hotel, como o Cheyenne, estará, em segundos, no "lendário Velho Oeste" estadunidense, apesar de estar na Europa no século XXI. Se isso não lhe apetece, poderá escolher o Santa Fe, que promete "a atmosfera colorida da Rota 66, conforme alardeia o seu anúncio. (BEIGUELMAN, 2021, p. 142)

Atualmente, com o desenvolvimento e a democratização dos aparatos tecnológicos digitais e da internet, com um *notebook* e um projetor, a imagem feita de luz entra nos espaços educativos, diminuindo as barreiras de acesso e possibilitando conhecer artefatos visuais de outros tempos e contextos. As mídias digitais conseguiram tornar o ambiente educativo ainda mais dinâmico, reinventando a forma de se comunicar, compartilhar e aprender.

Pensar hoje numa educação sem o envolvimento de tecnologias digitais é um processo bem difícil, sobretudo diante da situação atual, um período em que todas as minhas atividades acadêmicas foram feitas no ambiente virtual com o auxílio de um computador ou de um celular. Mas mesmo fora desse quadro, pensando nas mudanças que as tecnologias digitais têm incorporado para a educação, educadores e educandos se apoiaram bastante na utilização de computadores e *notebooks* em sala de aula e fora dela, por ser um dispositivo prático que auxilia em vários processos e um dos principais é a sua capacidade de armazenamento de documentos, arquivos e *softwares*, otimizando espaço físico e tempo das pessoas.

Com o advento dos computadores ingressando no espaço escolar e na rotina de trabalho e estudo de professores e estudantes, é possível armazenar diferentes tipos de arquivos e organizá-los de variados modos, baixar *softwares* que facilitam ainda mais vários processos que antes eram feitos manualmente, além de serem leves e transportáveis. Um exemplo marcante da mudança que os computadores trouxeram está no processo de escrita, que antes era mais complexo, por demandar um pensamento linear na construção. No passado a escrita deveria ser feita manualmente e passada a limpo para a máquina, diferente dos dias atuais, onde podemos escrever na lógica que desejarmos, editar e salvar quantas vezes for necessário.

Essa otimização de espaços também vale para estantes ou gavetas que seriam destinadas para colocar livros, artigos e imagens pessoais ou impressas. Elas não foram substituídas, claramente, mas foram otimizadas na possibilidade de armazenamento de informação e dados que a tecnologia digital possibilita. Agora, você faz uma pasta, organiza como achar melhor e dispõe desses arquivos compartilhados com colegas ou estudantes. Como as fotografias que tiramos e não temos mais o hábito de revelar, algo similar a isso é postar nas redes sociais ou deixá-las guardadas no computador ou no celular. Falando no celular, ele também está presente nas salas de aulas, sendo mais portátil ainda que os *notebooks*. Ele pode auxiliar no registro imagético e escrito, ser um suporte para propor atividades e também como dispositivo de busca e armazenamento, indo além da comunicação.

As câmeras dos celulares podem ser utilizadas para documentar ou fazer atividades, fotografar visitas a museus, galerias e intervenções urbanas, ou outras possibilidades de registro que o educador ou educando achar pertinente para a formação individual e coletiva. Outro fator importante foi como a tecnologia digital tornou a relação de aluno e professor mais horizontal, possibilitando dinamizar a relação de comunicação, não sendo mais necessário a presença física das pessoas para tirar dúvidas ou lembretes sobre a próxima aula e tornando viável a criação de fóruns de debates ou grupos para dúvidas. Assim, os aparatos tecnológicos digitais conseguem repensar a dinâmica da educação, tornando o ensino um local mais democrático e acessível.

Esse afastamento foi sendo diminuído com a inserção da internet e de aparatos tecnológicos digitais no cotidiano das pessoas, tornando muito mais próximo virtualmente, o que era fisicamente estava tão distante. Hoje um professor tem muito mais dispositivos eletrônicos para planejar suas práticas e dinamizar as aulas, podendo ir além dos materiais oferecidos dentro de um livro didático, aumentando o seu repertório e também das suas turmas.

Para além dos dispositivos individuais, os espaços educativos também se equiparam de vários aparatos tecnológicos, para que cada vez mais os públicos desses espaços possam ter acesso a essas tecnologias digitais. Como acesso a projetores, notebooks, *wi-fi* da própria instituição e principalmente as salas de informática que vemos no ensino básico e universitário. A Lei nº 9.394 de 1996, que estabelece a obrigatoriedade da existência de laboratórios de informática nas escolas de fundamental e médio; espaços que podem ser de grande auxílio no processo de aprendizagem e inclusão tecnológica digital, onde professores e alunos possam realizar novas propostas, principalmente na disciplina e na formação em arte. A utilização dos computadores juntamente com a internet, podem estar presentes tanto para o aumento do repertório visual ou como suporte para atividades propostas pelo educador.

Isso significa estarmos atentos aos novos modos de interpretar e de recriar o mundo pela mediação dos aparatos técnicos. Mais recentemente, inúmeros aparatos técnicos vêm acessando a internet, permitindo-nos produzir e disseminar arquivos imagéticos de forma dinâmica a qualquer momento do dia para praticamente qualquer lugar do planeta. (COUTO JUNIOR, 2015, p. 40-41)

O uso das máquinas reconfigurou a forma de como os sujeitos se relacionam e com essa crescente utilização das tecnologias digitais no nosso cotidiano os artistas também olharam para esses dispositivos como suporte para suas produções, principalmente com o desenvolvimento dos computadores, que abriram as portas para um novo tipo de produção. Concordando com a afirmação de Beiguelman (2021, p. 32) que estamos “Cada vez mais mediados por diferentes dispositivos simultâneos, esses regimes emergentes consolidaram novos modos de criar, de olhar e também de ser visto”. A arte digital se transformou numa linguagem contemporânea muito utilizada por artistas, devido a suas possibilidades de trabalhar com inúmeros materiais de multimídia, códigos de computação e equipamentos variados que possibilitam ainda mais a saída da arte dos moldes tradicionais do cubo branco.

É possível que você tenha caminhado na rua e não tenha notado intervenções que a cidade, a arte e a tecnologia digital podem proporcionar, como por exemplo a produção do coletivo Made in China (@made\_in\_chin4), que mistura arte urbana com tecnologia digital por meio da realidade aumentada. Além dos icônicos grafites, lambes e adesivos espalhados pelo território capixaba, eles também desenvolveram um aplicativo de celular, *made in china 91*, que está disponível nas lojas de aplicativos de celulares, dando a possibilidade dos transeuntes de interagirem com as produções do coletivo, fazendo com que o público crie outro tipo de relação com as intervenções urbanas.

Em julho de 2021, foi lançado o *Cidades Conectadas*, um projeto realizado pelo coletivo no centro da cidade de Vitória, que compreendeu o desenvolvimento de um mural interativo, que, potencializado pelo aplicativo, possibilita a animação em realidade aumentada. O projeto do mural também consta com dois jogos em que o público terá acesso através das pinturas e do aplicativo, tornando o espaço urbano ainda mais interativo.



Figura 2: Coletivo Made in China (2020)

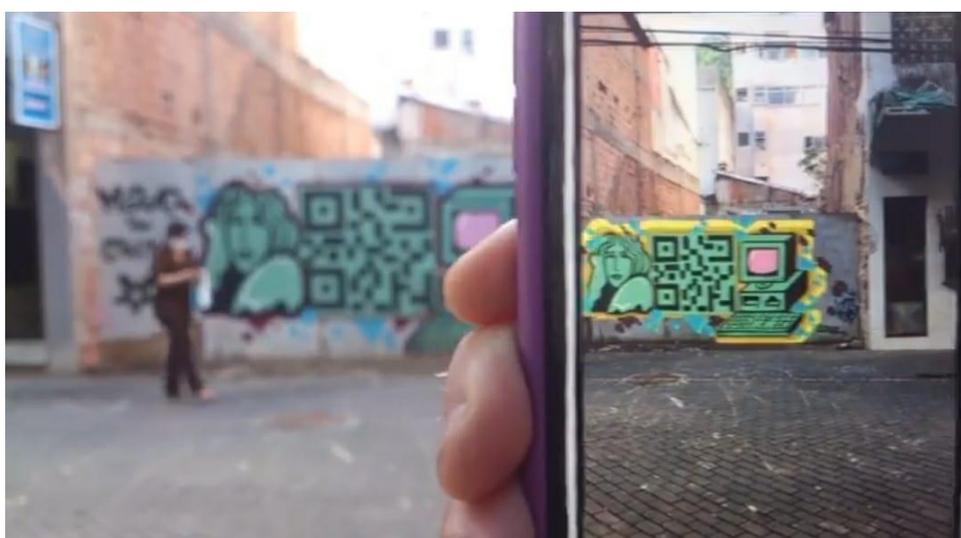


Figura 3: Foto capturada pela autora do fragmento de um vídeo que demonstra a realidade aumentada do aplicativo do coletivo Made in China, o "made in china 91" (2021)

Com isso, deflagra-se o fato de que estamos diariamente sendo atravessados por diversas tecnologias digitais, seja na rua, em casa, nos espaços expositivos e escolares. Elas conseguiram modificar inúmeras relações, como a nossa forma de comunicar, de nos conectarmos com as coisas, dando a possibilidade de revelar outros pontos de vista, além de repensar a forma de educar e fazer arte. Agora, grande parte das pessoas tem

uma dependência desses dispositivos e o que podemos fazer é aprender a usar a nosso favor, repensando as práticas e abraçando novas formas de experimentar a educação.

[...] reinventar as práticas pedagógicas à luz das dinâmicas da cibercultura é cada vez mais necessário e, ao mesmo tempo, se torna uma possibilidade concreta, na medida em que os aparatos tecnológicos vêm se popularizando na vida cotidiana dos sujeitos, proporcionado o estreitamento dos vínculos sociais. (COUTO JUNIOR, 2015, p. 46)

### **3.2 Referências visuais que vêm de virais da internet**

O ano era 2012, quando Cecília Giménez, uma espanhola de 81 anos, artista amadora, decidiu restaurar por conta própria a pintura *Ecce Homo*, obra do artista espanhol Elías García Martínez que representava Jesus Cristo. O resultado foi extremamente desastroso e viralizou no mundo inteiro. Imagens replicadas mostravam a diferença nos traços e demarcavam as falhas no processo de restauração. Em contrapartida à reação alarmante que a imagem gerou, o mais impressionante foi que o local onde a restauração está presente, o Santuário de Misericórdia de Borja, teve um aumento significativo de visitantes após sua questionável mudança.

Segundo a postagem do perfil do *Instagram* @meridianos.cc, a restauração feita por Cecília, que virou piada mundial, se tornou em paralelo um ícone para sua cidade, sendo capaz de ressignificar, de forma positiva, a economia do local, devido a quantidade de turistas que ficaram curiosos com a atual restauração mais famosa da Espanha, talvez até do mundo. Nem o afresco original recebia tanto reconhecimento e devido a viralização na internet, é assunto até os dias de hoje, principalmente quando aparecem novos deslizes em processos de restauração.



Figura 4: Meme feito com restaurações que deram errado (2020)<sup>9</sup>

A repercussão dessa restauração fez com que a arte se tornasse assunto fora do campo, alcançando novos grupos de pessoas, o que é importante para a construção constante de repertório de um conjunto mais geral, estando ligado à cultura visual. A viralização não foi um fenômeno restrito a essa obra contemporânea (se é que posso chamá-la assim), toda essa propagação, só foi possível devido a algo que nos rodeia diariamente, a internet. E não podemos negar que foi uma revolução na forma de comunicação, interligando continentes separados por oceanos com um clique.

Diferentemente das mídias de massa, como o rádio e a televisão, as tecnologias digitais permitem que diferentes internautas, de todos os cantos do mundo, sejam produtores em potencial de conteúdos para a Web. As possibilidades e a potencialidade da rede em garantir aos internautas o acesso às inúmeras informações trazem novos desafios para o campo da educação, pois implicam em considerarmos as dinâmicas ciber culturais no ensinar e no aprender. (COUTO JUNIOR, 2015, p. 42)

Anteriormente refletiu-se sobre a importância da utilização de aparatos tecnológicos digitais e as mudanças proporcionadas na educação, porém é importante considerar como a internet potencializou as possibilidades desses dispositivos. Foi com ela que conseguimos ter acesso a diversas ferramentas e conteúdos *online* que possibilitam

---

<sup>9</sup> Fonte: [https://www.facebook.com/permalink.php?id=108075777264529&story\\_fbid=411589743579796](https://www.facebook.com/permalink.php?id=108075777264529&story_fbid=411589743579796)

conexões em vários campos de conhecimento. Weber, Santos, R e Santos, E (2012) afirmam que “com a intensificação do uso da internet, a comunicação mediada pelo computador cresceu, fazendo com que surgissem novas interfaces com potenciais comunicacionais”.

Essa possibilidade de comunicação em qualquer ponto possibilitou um fluxo de conexões, uma troca que não fica centralizada em pessoas e sim uma rede global que interliga diversos tipos de dispositivos, permitindo um compartilhamento instantâneo de conteúdos. Hoje, os acessos a vários espaços são permitidos através da internet: se quiser entrar no acervo do MASP, é possível, eu não preciso estar lá fisicamente; até mesmo na obra *Vitória de Samotrácia* (1863), que está no Louvre, é possível acessar com alguns cliques, conseguindo chegar mais perto do que o museu permitiria pessoalmente.

A internet é como uma biblioteca universal, é como um aglomerado de muitos assuntos locais, nacionais e internacionais, tendo *blogs*, *sites*, imagens, notícias, redes sociais, pesquisas acadêmicas, jogos, entre outros. Sendo necessário apenas uma palavra em comum, para que uma infindável fonte de referências apareça na tela. Isso pode ser rico na defesa a que essa pesquisa se propõe, mas igualmente pode causar uma bagunça mental e virtual pela quantidade de referenciais disponibilizados nesses espaços em segundos.

O ciberespaço se tornou uma vitrine das relações humanas, sendo fonte de pesquisas, comunicação, compras e programação de universos *online*, onde seus usuários podem se tornar produtores em potencial de informações, expandindo e modificando cada vez mais o número de conteúdos disponíveis na *web*. O que acontece nesse ambiente é extremamente rápido, praticamente instantâneo, onde internautas de diferentes contextos podem usufruir dos mesmos conteúdos concomitantemente e dialogarem sobre eles. Essa capacidade de constante modificação torna o ciberespaço dinâmico, mas também cansativo e impossível de acompanhar.

Hoje, uma considerável parte da criação das referências visuais vem da internet. Muitos espaços começaram a se adequar a essa realidade, como jornais e revistas, que estão focando na digitalização dos seus materiais. Essa mudança também afetou o universo

da arte, onde muitas instituições, artistas e grupos de pesquisa se voltaram para esses espaços como forma de armazenar, perpetuar e divulgar suas produções, contando também com capacidade de maior alcance de público.

Muitas instituições disponibilizaram na *web* seus acervos e educativos e com a pandemia abriu-se também a possibilidade de fazer visitas online nas exposições, ampliando o alcance de pessoas que antes não poderiam estar fisicamente nesses locais. O ciberespaço pode ser um caminho para diminuir as barreiras de acesso a novas referências visuais, onde seus usuários conseguem interagir e ter conexão com produções artísticas fora das seleções feitas pelos livros didáticos, podendo alcançar referências que estão fora do circuito artístico. Artistas atuais também se apropriaram desse ambiente virtual, no qual possuem a liberdade de montarem o seu portfólio artístico ou até mesmo utilizar da internet como parte de suas produções, como tema das obras ou como meio de propagação.

Um exemplo disso foi a aparição da linguagem artística *net.art*, que segundo o *site* Arte que acontece, surgiu no início da década de 90<sup>10</sup>, onde os artistas produzem suas obras a partir da utilização da internet, abraçando as múltiplas possibilidades que esse ambiente proporciona, como a utilização de *softwares*, aplicativos, dados virtuais e a difusão rápida dos conteúdos. Essa linguagem, não foi desenvolvida somente por causa das inovações tecnológicas digitais, mas também para discutir e repensar sobre o circuito da arte ser tão fechado em nomes recorrentes.

Em 2017, muito antes da pandemia iniciar, foi criada aqui no Brasil, por Livia Benedetti e Marcela Vieira, a plataforma *aarea.co* (@aarea.co), que pensa na curadoria e exibição de produções artísticas feitas no ciberespaço. Esse projeto já conta com 36 edições, onde a seleção, curadoria e exposição dos artistas acontecem dentro da *web* e o acompanhamento das produções acontece dentro do *Instagram*, no *site* da instituição e nos *links* que ficam disponibilizados na *bio* do perfil. A ideia é que o espectador explore todos os ambientes, sem uma mediação, tendo uma experiência livre e dinâmica,

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.artequaeacontece.com.br/net-art-a-arte-feita-para-a-internet/>

repensando as diferenças entre os espaços físicos e virtuais.

Isabella e Felipe são uma dupla de artistas que acabei conhecendo por causa do aarea.co. Pesquisando mais sobre essa dupla, eles descrevem suas produções como uma reflexão sobre o público/privado, o mundo online e as relações interpessoais criadas pela lógica capitalista, tendo o vídeo como principal linguagem de desenvolvimento das obras. Em “Vida Besta” (2016-2018), a dupla cria uma performance de longa duração, com 700 vídeos onde os artistas se propuseram a postar diariamente em seu canal do *Youtube* sua rotina. A ideia era criar narrativas em torno de vivências cotidianas e banais, expondo, como se fosse um diário a vida dos artistas.

O grupo de pesquisa Entre<sup>11</sup>, do qual faço parte, também se adaptou para essa realidade virtual, começando com as redes sociais e agora tem um *site* - uma plataforma para ampliar as discussões sobre educação e arte. Essa necessidade de criar um braço a mais vem das diferentes características desses dois ambientes, visto que nas redes tudo é mais rápido e no tempo presente, necessitando de uma constante atualização. Já o *site* é um local mais voltado para o arquivamento e documentação das nossas ações, onde tem a liberdade de escrever mais de 2.200 caracteres - número limite de uma legenda de rede social -, causando um atravessamento mais complexo de informações.

Em contrapartida, mesmo considerando essas possibilidades, a internet é um espaço de crescimento desenfreado, onde a cada dia são postadas muitas informações, que se perdem diante da profusão de novos produtos. Sobretudo tendo em conta como o sistema capitalista influencia e demarca essa experiência virtual, contando com conteúdos patrocinados que são destacados em relação aos demais, demarcando desigualdade na disponibilidade de informações de acordo com o número de acessos e sobrecarga de servidores de maior alcance. O crescimento desses dados funciona como uma bola de neve, influenciando em cadeia a experiência de cada indivíduo.

Os algoritmos são uma boa resposta para entender o porquê sempre que é pesquisado

---

<sup>11</sup> O Grupo de Pesquisa Entre – Educação e arte contemporânea, é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Rocha e foi formado no ano de 2018, no Centro de Educação da UFES. Composto por professores, estudantes, artistas e pesquisadores da área de Artes Visuais. Visite o *site* do grupo para saber suas programações: <https://www.entrepesquisa.com.br>

a palavra “arte contemporânea” no *Google* ou no *Google Arts and Culture*, aparecem opções de imagens que limitam a visão do que são produções contemporâneas, como pinturas figurativas e exageradamente coloridas. Isso acontece, pois, um número muito grande de usuários consome esse produto visual e acessam essas fontes de pesquisa, afetando o resultado das possibilidades dos referenciais da arte contemporânea ou direcionando para produtos que atendam mais a uma demanda econômica da plataforma do que ao próprio sistema da arte. Para que não se caia sempre nas mesmas representações, é preciso saber quais são as palavras-chave, ou melhor, quais são os conteúdos-chave que podemos conter desse universo virtual, filtrando as fontes de acesso e aprofundando na seleção delas.



Figura 5: Foto capturada pela autora da interface do *Google* (2021)

Talvez isso possa explicar melhor o que eu quero dizer: imagine você indo a uma sorveteria que possui 100 sabores diferentes. Difícil não se sentir perdido nessa situação, então, para te auxiliar na escolha, seu primeiro instinto é perguntar ao sorveteiro qual é o sabor mais comprado. Ele poderia ter três possibilidades de respostas: a primeira seria

o mais comum, tipo chocolate, por muitos consumirem; a segunda opção é falar um sabor quase não é comprado, tipo queijo com goiabada, só para ter uma saída desse produto; a terceira opção é te indicar um sabor que está sendo patrocinado por uma empresa, como um sabor de iogurte de morango. Isso acontece na internet e quando pesquisamos por verbetes ou termos relacionados com “arte contemporânea”, aparecem com maior recorrência resultados estereotipados de arte figurativa, super colorida e pinturas - o que não necessariamente traduz a variedade de linguagens, materiais e conceitos do campo.

Para não cair sempre nas mesmas representações visuais e realmente ampliar o rol de referências, é preciso repensar a forma de pesquisar as palavras-chave. Buscar *sites* e redes sociais de instituições, artistas, curadorias e projetos que tenham como objetivo divulgar produções, projetos e educativos de arte, iniciando o processo de busca já numa seleção das fontes que serão acessadas. Assim será possível ir afiando e filtrando informações pertinentes nesse ambiente tão vasto de dados, tendo ainda em vista a necessidade de considerar o direcionamento enviesado dos algoritmos para resultados que respondam à interesses econômicos dos portais de busca e não ao foco do usuário ou dos seus filtros de busca.

### **3.3 Redes sociais podem construir repertório imagético?**

Quando entro no *Twitter* quero ver memes e o que as pessoas que sigo estão comentando sobre a vida, rolando o *feed* sem parar. Até que algo me prenda, como as publicações do perfil @descolonizaarte, por exemplo, que posta com bastante frequência artistas negros de várias localidades e então eu curto e compartilho a publicação. Depois, vou mais a fundo e pesquiso no *Google* sobre esse artista e suas produções, geralmente encontrando seu perfil no *Instagram* e passando a segui-lo. Esse foi um exemplo de um exercício que acontece comigo quase que diariamente, podendo ter outros caminhos, mas sempre chegando na ampliação do repertório, com alguma ligação possibilitada pelas redes sociais. Esse ciclo molda os algoritmos, levando a mais recomendações de artistas, perfis voltados para o campo das imagens ou conteúdos dos sistemas da arte.

As redes sociais podem ser consideradas espaços democráticos, onde os usuários possuem a liberdade de postar opiniões, sentimentos, escritas e produções imagéticas, mas ao invés de ficar restrito a um núcleo físico de pessoas, essas postagens podem atingir um público maior, fazendo com que outros sujeitos, seus seguidores ou não, interajam com os conteúdos postados. Essa visibilidade pode ser muito benéfica para os espaços educativos.

As redes sociais na internet são constituídas de atores e conexões. Quando os atores interagem com outros atores formam-se as conexões. Na comunicação mediada pelas tecnologias digitais, os atores são identificados a partir de suas representações identitárias no ciberespaço, ou seja, os atores são representados por sua conta do Twitter mesmo por um perfil no Orkut. (SANTOS; OZÓRIO, 2019, p. 104)

O *Orkut* - a primeira rede social com que tive contato - propunha a ação de criar laços mais profundos com seus “amigos” (como eram chamadas as pessoas que adicionamos nos nossos perfis), mandando depoimentos e mensagens abertas. Outra funcionalidade dessa rede era a postagem de fotografias ou imagens, que deveriam ficar organizadas dentro de álbuns e tinham um limite de apenas 12 fotos. Quem nunca teve um álbum só de fotografias pessoais e com nomes bem engraçados? Bom, me expondo um pouco, o meu era “*Me, myself and I*” e as fotos eram bem características dos anos 2000: famosas selfies de câmera digital na frente do espelho. A rede também dispunha das comunidades, grandes grupos que se reuniam a partir de um título-interesse em comum. Assim, “Amantes da arte” ou “Odiadores da segunda-feira” se encontravam e poderiam usar do fórum dentro das comunidades para debater em torno do tópico que as unia. Essa funcionalidade foi depois revisitada por outras redes, como é o caso do *Facebook*.

Inicialmente o *Facebook*, tinha bastante similaridades com o *Orkut*, mas um pouco mais desenvolvido, visto que lá você também tem o seu próprio perfil, onde seus usuários podem postar o que quiserem. Contudo, diferente da busca ativa que o *Orkut* provocava, de buscar os perfis pelos quais tínhamos interesse, no *Facebook* as atualizações aparecem em um *feed* (uma linha do tempo) mais geral, com postagens de várias pessoas e com a possibilidade de interação mais direta, como o curtir, comentar e compartilhar. Essa característica de um feed em comum fez com que aparecessem

vários tipos de informações, como textos, vídeos, música e principalmente fotos. Além de ter incorporado a inserção de conteúdo patrocinado, o que resultou na criação de novos tipos de usuários, como perfis de empresas, escolas, grupos de pesquisas, museus e artistas. Essa reconfiguração é preponderante para pensarmos a conectividade das redes sociais e sua possibilidade como formação do repertório, uma vez que a relação deixa de ser ativa e se torna passiva, incorporando a navegabilidade por muitos outros tipos de perfis, não se restringindo mais a relação entre pessoas físicas e ampliando o tipo de público e conteúdo que são divulgados.

Em 2010 veio o *Instagram*, uma rede que se utiliza preponderantemente da visualidade e que foi criada com o propósito de divulgação de fotografias e imagens. Nele, seus usuários postam apenas fotos e vídeos para seus seguidores, ampliando o caráter relacional das redes de amigos próximos para uma rede de usuários e potenciais consumidores. Como no *Facebook*, o *Instagram* não possui apenas pessoas físicas como usuários, tendo uma vasta gama de conteúdos de empresas e criadores de conteúdo, podendo acompanhar diariamente a vida de alguém próximo, mas também a produção de artistas.

A característica de se ter um perfil próprio e um *feed* em comum para as atualizações das postagens permaneceu, como no *Facebook*, mas a dinâmica mudou, visto que tudo ficou mais rápido por sempre estar ligado a um elemento do audiovisual, onde seu conteúdo visual processa a informação de forma diferente do elemento escrito. Legendas rápidas, imagens chamativas e *feed* pessoal organizado, são um dos meios para captar a atenção dos seguidores ou atrair novos, o que vai em choque quando relacionamos com a educação, que precisa ser algo mais extenso e com assuntos mais profundos.

O que todas essas redes sociais apresentadas acima têm em comum é a utilização das imagens como forma de conteúdo, cada vez sendo mais focado e atualizado na visualidade e na formação de públicos. No decorrer dos anos, com o desenvolvimento de novas plataformas e com a difusão dos smartphones, as redes sociais passaram por várias transformações, e quanto mais usuários ingressam, vemos novas redes sendo

criadas, com alterações e diferentes atualizações, ampliando os tipos de relações possíveis dentro desses espaços.

Com a profusão de novas redes sendo lançadas, vemos que as relações não mais se resumem em laços familiares e de amizade, mas também em relações profissionais, publicitárias, econômicas e educacionais. Percebe-se que “[...] as mídias pós-massivas caracterizam-se pelas trocas bidirecionais de mensagens, favorecendo a constituição do estar em rede, intensificando processos de conversação, de comunicação, em que qualquer praticante pode produzir e publicar informação” (WEBER; SANTOS, R.; SANTOS, E., 2012, p. 60).

Esses desdobramentos nas redes sociais foram notados devido a sua capacidade de atingir um público muito maior e de maneira mais direta, visto que não é mais necessário estar em um ambiente físico para manter a comunicação, bem como pode-se estender às relações em termos de tempo de consumo. Com elas, os usuários se sentem mais próximos das pessoas, tendo uma interação muito mais horizontal, sem contar com a possibilidade do contato síncrono e assíncrono, a qualquer tempo e hora poder interagir com as postagens.

[...] percebemos que cada praticante conectado pode a qualquer tempo e hora colaborar, cocriar e manifestar os seus interesses, desejos, subjetividades. Essa possibilidade muda a relação dos praticantes estabelecida em rede, uma relação de igualdade, horizontalidade, onde é possível a coautoria na produção de conteúdos em rede. (WEBER; SANTOS, R.; SANTOS, E., 2012, p. 59-60)

Com o desenvolvimento das redes viu-se uma transição da relação direta entre sujeitos próximos, ampliando a dimensão da globalização e do acesso remoto. Assim, o ambiente das redes sociais foi sendo notado como um espaço interessante para trocas de saberes e conteúdos que não sejam particularmente sobre a manutenção de relações preexistentes ou correspondentes ao estilo de vida de alguém. Sobretudo na pandemia, que obrigou o isolamento social, onde muitos artistas, professores, instituições e formadores encontram uma forma de continuar participando da vivência cotidiana do seu público.

No início da quarentena, o que mais aparecia no meu *feed* eram *lives* e postagens marcando novas *lives*, criação de museus virtuais para compartilhar produções de artistas e instituições fazendo exposições no perfil. O período foi marcado por uma readaptação social no que diz respeito ao uso da tecnologia digitais para manutenção dos conteúdos e relações, obrigando as instituições a se reverem no que diz respeito à criação de novos conteúdos.

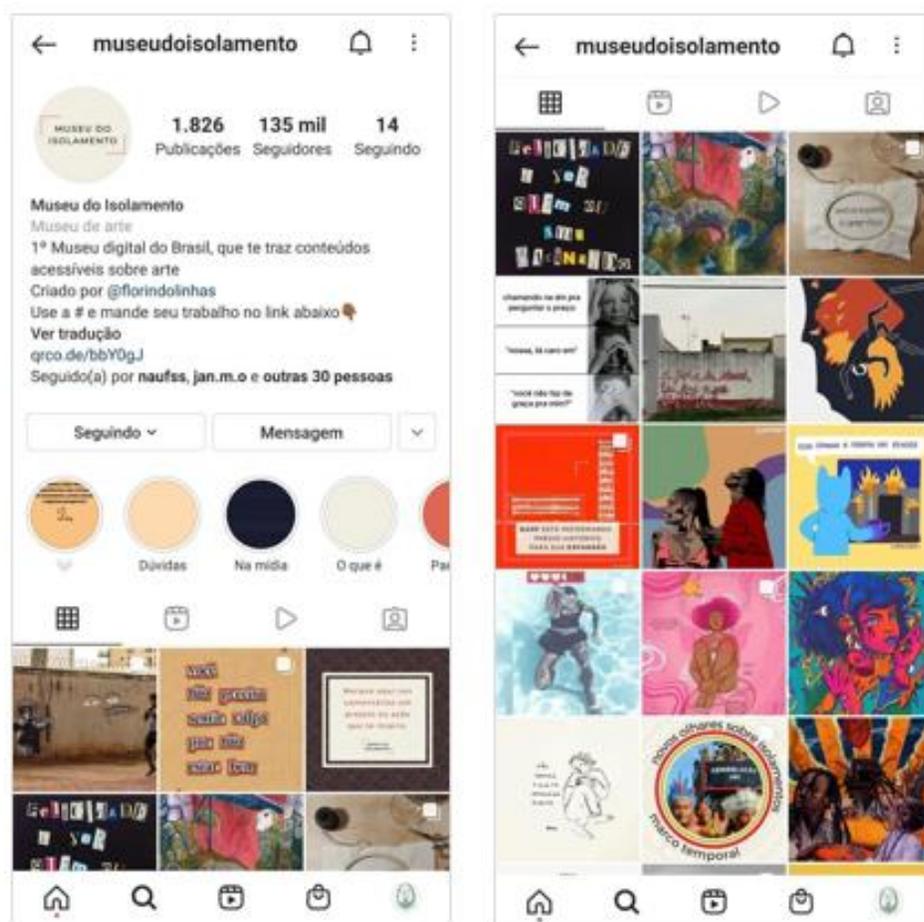


Figura 6: Foto capturada pela autora do perfil @museudoisolamento (2021)

Um exemplo recente que fez meu rol de referências artísticas aumentarem sem nem sair de casa foi a criação do perfil de *Instagram* @museudoisolamento, desenvolvido a partir de 2020, que aproveitou do contexto pandêmico para criar uma exposição online de artistas brasileiros. No início, as divulgações das produções tinham conexões com a

realidade imposta pela COVID-19, mas com o sucesso e aumento de seguidores, que atualmente são 135 mil pessoas, o perfil mudou esse foco para a divulgação de produções de arte com vários temas. Até o momento de escrita desse texto, o perfil *museu do isolamento* possui 1826 publicações, todas com legendas que contêm a marcação do perfil do artista e uma descrição feita pelo próprio, discorrendo sobre a sua produção.

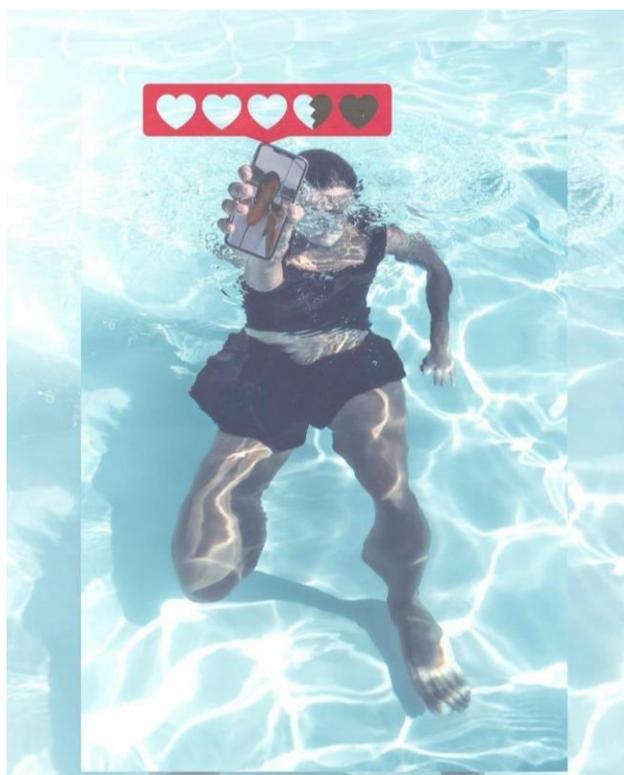


Figura 7: ELAS.ME, *Iceberg Social* (2021)

E o *museu do isolamento* consegue cumprir seu papel de divulgação de artistas contemporâneos, pois foi nele que encontrei o perfil da artista ELAS.ME (@elas.me), que utiliza do *Instagram* e de um *site* próprio como portfólio de suas produções. A publicação que me fez ficar curiosa e clicar no perfil da artista foi a produção *Iceberg Social* (2021), que é uma crítica afiada das redes sociais, utilizando de referências contemporâneas e modernas, como os corações, que faz referência aos *likes* das redes sociais; e o *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral, onde os membros inferiores da modelo e o celular são maiores que a cabeça, fazendo conexão com a maior valorização do corpo e da fotografia

postada, do que o rosto real e o intelecto da pessoa. O mais interessante dessa publicação é também o cuidado da artista de explicar suas referências na legenda, deixando claro o processo de montagem da obra.

Na maioria dos casos, os artistas utilizam mais as redes sociais como um portfólio online, para que consigam alcançar mais pessoas, aumentando a divulgação do seu trabalho e também para se conectar com outros artistas e espaços expositivos. Sendo uma forma interessante do artista dialogar com o público, podendo mostrar mais de perto seu processo de produção. Nota-se que as redes não têm um limite do que deve ser feito, se constituem como um espaço livre, permeando entre a exposição, a produção e o produto final.

Falando em processo e produto final, as redes também podem ser palco para isso, como por exemplo a artista argentina Amelia Ulman, que ficou conhecida no ano de 2014 por sua performance feita no perfil do *Instagram*, *Excellences & Perfections*. Nessa obra, a artista montou uma personagem, com hábitos e rotinas de um estereótipo de uma garota dos anos 2010. Nesse período, ela ia postando várias fotos de uma rotina super montada e programada, mostrando que o ideal de feminilidade era uma construção social e virtual.

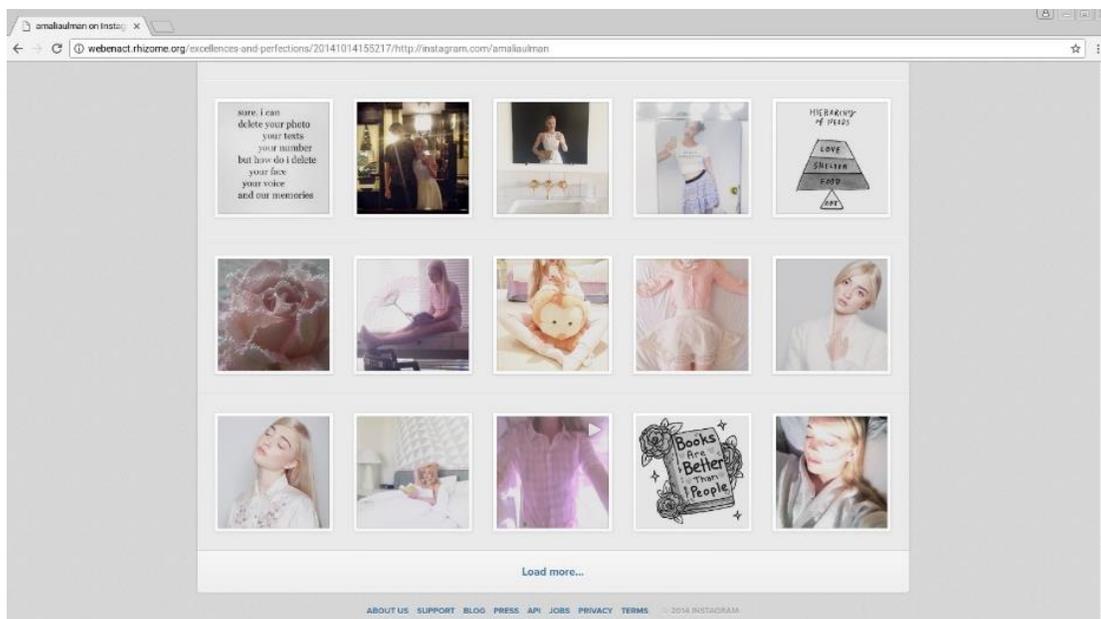


Figura 8: Amalia Ulman, *Excellences & Perfections*, (2014)

Há um ponto em comum entre a produção das duas artistas, pois para além das utilizações das redes, elas também fazem uma crítica sobre esse suporte. O questionamento se centra sobretudo no fato de que o peso maior está na quantidade de *likes* (retornos positivos) que a pessoa recebe em prol da qualidade dos seus conteúdos, criando uma realidade fictícia para seus seguidores. Beiguelman (2021) afirma que “A economia liberal dos likes, e suas fórmulas de sucesso, tende a homogeneizar tudo o que produzimos e vemos. Padroniza ângulos, enquadramentos, cenas, estilos”. Assim, demarca-se como a rede social de maneira específica, tanto quanto a internet de modo ampliado, possuem suas problemáticas, ainda que possam ter diferentes possibilidades na arte/educação.

### **3.4 Como fui de zero artistas visuais para caçadora de referências**

Antes de entrar no curso de artes visuais, meus perfis em todas as redes sociais eram limitados apenas ao ato de seguir perfis de conhecidos, familiares, amigos e restaurantes, não contemplando praticamente nenhum artista visual, o que foi mudando bastante a cada semestre. Cada indicação ou artista do Centro de Artes que divulgava as redes, eu ia seguindo, ampliando o repertório visual, não ficando apenas nos livros e nas referências que os professores passavam nas aulas.

O *boom* desse processo de busca aconteceu quando iniciei meu trabalho como bolsista de extensão no Projeto Interfaces do Ensino da Arte, atuando no Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo. Com o objetivo de ampliar as ações voltadas para a comunidade e pensando na formação de estudantes e professores, criamos o perfil do *Instagram* do NAVEES (@navees.ufes), onde passamos a postar sistematicamente conteúdos de indicação de artistas, materiais educativos e livros que poderiam contribuir para ampliação do repertório dos estudantes.

Nesse processo, criamos a *hashtag* #indicanavees, que tem como objetivo apresentar e divulgar perfis artistas que utilizam do *Instagram* para postar suas produções. Ao longo desse percurso, muitos dos artistas postados foram estudantes do Centro de Artes da UFES, mas também de outras localidades, dando mais visibilidade, concomitantemente,

para o artista e para o Núcleo. Com o tempo, alguns dos seguidores se sentiam confortáveis para escrever comentários ou enviar novas indicações via mensagem direta. Hoje essa *tag* já possui mais de 100 postagens, demarcando um conjunto de produções que podem ser pensadas como uma curadoria - tal como supramencionado.

Esse processo se tornou um hábito, ao ponto de que muitas das referências que eu apresentava em sala, pesquisas do curso e no Grupo Entre vinham das redes sociais. Percebi que esse movimento influenciou a facilidade de encontrar mais artistas, devido ao algoritmo das redes, que já estava programado para buscar mais desse tipo de conteúdo que eu consumia e consumo. Pelas trocas estabelecidas nas disciplinas, pesquisas e formação, percebi que esse é um ciclo bem recorrente entre os alunos do curso de Artes, mas dentro das aulas não, são poucos professores que se utilizam das redes como fonte de referências.

Uma reflexão que precisa ser feita diz respeito aos modos pelos quais o aluno se constitui sujeito do conhecimento. Caberia, então, perguntar se não seria incoerente, diante da presença constante da imagem digital no cotidiano de crianças e jovens, diante das redes de conhecimento e sentidos propiciadas pelo acesso à internet, diante do movimento interativo e colaborativo presentes nessas redes, continuar mantendo em sala de aula metodologias que se fundamentam numa concepção epistemológica em que o conhecimento é trabalhado de forma linear, gradativa e individual? (COUTO JUNIOR, 2015, p. 44)

As redes sociais constituem-se como uma potencialidade da tecnologia digitais nos espaços educativos, possibilitando criar uma forma de articulação de saberes mais horizontais, tirando o protagonismo de apenas uma pessoa, repensando a lógica da construção de um currículo estático e valorizando a montagem coletiva dos saberes. Com as redes as trocas se tornam mais fluídas, rompendo as limitações em relação ao acesso de novas visualidades quando se pensa nas salas de aula presenciais. Sem contar com a inesgotável quantidade de conteúdos, que possibilitam que professores e alunos ampliem o conjunto de referências, saindo do eixo dominante do sistema da arte, dando espaço para novos produtores e contextos.

A forma de se comunicar mudou e a forma de relacionar arte com o cotidiano também. A cada dia, novos perfis de artistas e instituições surgem, com novas abordagens, com fotos mais chamativas, com exposições online/físicas, com formações para professores

ou alunos em graduação e mais um monte de formas para atrair cada vez mais público e ter mais visibilidade. Esse é um ponto positivo e negativo das redes. Diariamente há uma luta de visibilidade que afeta muitos usuários das redes. Que precisam estar pensando e postando constantemente conteúdos para não perder seguidores, para ter o sonhado engajamento. Se você fica dias sem postar, o seu perfil não aparece mais com tanta frequência no *feed* das pessoas, mas se as suas postagens não tiverem muitas interações, ela também vai para trás e não aparece como conteúdo. Como se fosse um termômetro dizendo constantemente se o seu perfil tem ou não pertinência como conteúdo.

Essa é uma das problemáticas que afeta os usuários, outra é que a imagem tem um peso maior, deixando pouca margem para agregar conteúdo na relação com as informações que sublinham as postagens. A experiência no compartilhamento das redes do NAVEES deixou evidente que adianta inserir uma legenda com muitas informações se as pessoas não se interessarem primeiramente pela foto postada. A imagem precisa chamar atenção e ter um conceito que faça com que as pessoas parem aquele movimento incansável de rolar o *feed* e interaja com a sua postagem. Essa questão é problemática em termos educativos, porque podemos obliterar os dados informativos em prol da receptividade do conteúdo imagético da rede.

Outro aspecto a ser considerado é que quanto maior a legenda parece que mais aumenta o desinteresse dos usuários das redes. As pessoas querem absorver o conteúdo de forma rápida, sem precisar se esforçar muito e, para entrar nessa lógica, muitos perfis optam por postar conteúdos mais rasos, com foco só na imagem e com poucas informações nas legendas, dificultando bastante a pesquisa e uma ampliação mais completa das referências imagéticas nos espaços de formação.

É particularmente interessante que esse movimento não acontece somente com os perfis de instituições, mas também de pessoas físicas. As redes se tornaram um espaço lucrativo, onde muitos viram a oportunidade de crescer, então você vai encontrar todos os tipos de informações possíveis, tudo vai demandar de um interesse individual e coletivo. Sim, o coletivo importa muito também, pois como diz o nome, rede social, nem

sempre as recomendações e anúncios vêm de uma demanda exclusivamente sua, mas também dos conteúdos que seus amigos/seguidores fazem no perfil deles, fazendo um movimento em cadeia, onde tudo acaba se interligando.

Ambivalente, a nova cultura visual que se instaura com as redes oscila entre polos contraditórios. Nela estão contidas possibilidades de democratização do acesso ao audiovisual, novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e formatos inéditos de padronização (da imagem e do olhar). (BEIGUELMAN, 2021, p. 32)

Filtrar essa quantidade de informações recebidas todos os dias é muito difícil, pois na maioria das vezes pensamos nesses espaços como lugar de entretenimento (então só entramos nas redes para poder relaxar ou ver uma coreografia nova impossível de se aprender), por isso cair no limbo dos conteúdos da internet é muito fácil. Outra questão trata sobre a quantidade de conteúdos que são postados continuamente, a cada minuto. Para tentar guardar, salvamos a postagem para ver mais tarde e esse mais tarde quase nunca chega ou entramos para dar uma olhadinha rápida e acabamos ficando mais do que desejamos, sendo engolidos por ela, porque esse é o comportamento induzido pelo layout e pela dinamização das redes. Quando se trata de um perfil pessoal, como o meu, que envolve muitas áreas de interesse, como moda, arte, receitas de comidas, Disney e entre outras coisas, isso tudo vai aparecer misturado no explorar e como recomendações para seguir, evidenciando a sensação de afogamento no mundo-imagem.



Figura 9: Helena Pereira Barboza, repetições da formação digital (2021)

Pensando em todo esse processo que afeta os usuários das redes sociais e no ensino contemporâneo das artes, acabei respondendo uma pergunta de um projeto do grupo Entre, uma publicação pensada a partir de duas perguntas. O esquema acima se relaciona com “O que existe entre educação e arte contemporânea?”. O infográfico de possibilidades foi pensado a partir do interesse de perceber as redes sociais como fonte de referências do campo da arte, mas também podem educar para a passividade do ser contemporâneo no mundo das imagens.

O esquema acima não foi feito pensando em situações improváveis de acontecer, eu mesma passo por cada uma delas, às vezes, mais de uma vez por dia. Quando se é analisado esse movimento em uma imagem, nota-se que é muito fácil a utilização das redes sociais sair do controle e ir para uma passividade do sujeito. Após a montagem do “repetições da formação digital”, percebi uma cautela da minha parte, repensando a forma que estava utilizando as redes, se tornando um processo de autocrítica benéfico, dando ainda mais sentido a essa pesquisa.

Diante dessa reflexão identifica-se que a cibercultura está presente no nosso cotidiano, mas quando se trata de incluir isso no currículo e nas salas de aula temos a presença de uma barreira muito grande. Barreira essa que questiona e invalida a possibilidade de adquirir saberes dentro das redes sociais, entendemos suas fragilidades, mas também percebemos o quão potente pode ser sua utilização no aumento do repertório de professores e alunos de artes. Artistas contemporâneos, espaços expositivos, instituições e grupos de estudos/pesquisa já estão presentes nesses espaços, tentando democratizar e ampliar o acesso dos públicos.

#### **4. Senhora, senhora! Você poderia responder esse formulário? É para o meu TCC**

Estamos em uma sociedade muito diferente, na qual as tecnologias digitais tomaram conta da forma que relacionamos com o mundo e com as pessoas. Assim, diante das considerações elaboradas sobre repertório visual, nutrição estética e formação em artes visuais, questiono: porque as aulas de arte ainda são sobre os grandes mestres do passado da arte? Ou então, por que as referências só podem ser adquiridas nos espaços físicos?

Como pode ser que enquanto os adolescentes gravam cenas da vida real nos seus celulares, retocam-nas com o Photoshop e compartilham na Internet, a educação artística continue a oferecer-lhes carvão e têmpera como única possibilidade de trabalho? Como é possível que eles devorem revistas de tabloides, filmes comerciais e séries, e nós, como única atividade fora da sala de aula, queremos levá-los para o museu? Como é possível que vivam num mundo metasexual, onde cidades inteiras estão cobertas de imagens de homens e mulheres que se oferecem aos transeuntes, enquanto na aula de arte (ou qualquer outra) o sexo não é discutido, estas imagens não são analisadas, e em vez disso comentamos sobre pinturas de flores de outros mundos? Como é possível que a moda seja uma das principais atrações nas suas vidas e nas aulas de arte parece não fazer sentido incorporar como conteúdo os formadores para os quais têm vindo a poupar há vários meses? (ACASO, 2009, p. 87)

Repensar os repertórios utilizados nas aulas de arte não é negar a utilização de representações e artistas da história da arte, mas ter um olhar mais apurado e crítico para as possibilidades de ampliação dos conteúdos que podem ser abordados pelo professor, incluindo questões que não eram comumente associadas como conteúdos do campo das artes visuais, mas que estão cercando a relação cotidiana estabelecida no mundo-imagem. Assim, Acaso (2009) continua trazendo mais questionamentos:

Como é possível que o fosso entre a hiper-realidade e a realidade, entre o mundo visual e o mundo real, lhes cause uma paranoia contínua e que ninguém esteja interessado em que aprendam a diferenciar uma coisa da outra? Como é possível que existam sites que promovam a anorexia e uma série de artistas contemporâneos que lidam com este tema, enquanto nas aulas só se fala de pintores impressionistas franceses? Como é possível que todos tenham uma câmera digital e que esta técnica de produção não seja utilizada nas aulas (o mesmo se aplica ao armazenamento e exibição de imagens em vídeo e MySpace)? Que todos saibam quem é Pamela Anderson e nos recusemos a usá-la como recurso educativo para abordar questões tão interessantes e importantes como a identidade de gênero, problemas relacionados com a raça, independência feminina e violência masculina, para dar apenas alguns exemplos? (ACASO, 2009, p. 87)

Nota-se que os assuntos que a arte pode se conectar são infindáveis, dando inúmeras possibilidades de conteúdos, causando discussões pertinentes ao cotidiano contemporâneo, trazendo questionamentos do porquê a disciplina de artes nas salas de aula se limita em saber quem são os pintores do movimento impressionista ou quando nasceu Modigliani, dando a sensação que a artes está apenas ligada ao passado e a espaços expositivos tradicionais.

A partir das discussões que foram sendo desenvolvidas, este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise dos Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de três anos diferentes da UFES e os resultados quantitativos e qualitativos da pesquisa de campo que foi realizada com alunos de licenciatura em artes visuais da UFES. Visando entender como as redes sociais contribuem para o aumento do repertório artístico do professor em formação, identificando as conexões e desconexões que acontecem com o currículo do curso e a experiência dos alunos entrevistados com o consumo e compartilhamento de imagens no ciberespaço.

#### **4.1 Pique-esconde e café com leite das referências visuais**

Com a amplitude da inserção de novas tecnologias digitais e as facilidades advindas dessas ferramentas - como as redes sociais, por exemplo -, a sociedade contemporânea se torna cada vez mais dependente dos recursos, utilizando-os como entretenimento, como plataforma de trabalho, como espaço de educação e como lugar de socialização. A ideia difundida de que as crianças já “nascem sabendo como mexer no celular” nos faz perceber que uma geração nativo digital pode não conceber uma vivência sem a mediação das plataformas tecnológicas. Depois da geração Z - nascidos entre 1995 e 2010 -, parte das crianças que dispõem do acesso a esses equipamentos vão crescer e estão crescendo sem conseguir imaginar como era brincar sem utilizar celular ou sem depender de alguma rede social para manter contato com seus colegas e amigos.

Mesmo com todo o contato e a disseminação avassaladora das redes, ainda são encontradas barreiras nos espaços educativos que impedem ou limitam a utilização delas como um banco de dados de imagens ou como modo de acessar outras referências

ao conjunto de obras registradas nos livros de história da arte e livros didáticos. Ainda que se saiba que alunos e até mesmo professores se utilizam das redes para divulgar, conhecer ou se manter conectado com o sistema da arte, elas ainda parecem ser vistas como algo externo, que não conseguem se misturar com a prática da educação - ou ainda, que possam significar distração dos processos educativos.

Ignorar a presença das mídias e tecnologias digitais é como se bibliotecas, livros didáticos, artigos e espaços expositivos fossem brincar de pique-esconde e as redes sociais fosse aquele priminho mais novo, que sempre quer brincar, mas não tem idade o suficiente. E para não excluir da brincadeira, ele seria o café com leite, que mesmo achando que está participando de verdade e que faz parte do jogo, só está de corpo presente, mas continua sendo ignorado. Esse primo não se esconde direito e acaba sendo o primeiro a ser pego no pique, ninguém vê as potencialidades, apenas suas fragilidades.

Na grande maioria dos projetos de formação de professores temos a centralização do saber científico em detrimento aos saberes construídos na cultura, na vida cotidiana das cidades, das mídias, no exercício da docência. Quando tratamos do objeto “tecnologias e educação” o problema se agrava. A grande parte dos atos de currículo é centralizada no uso instrumental e científico e quase nunca observamos a vida social e instituída por estas tecnologias. (SANTOS, E.; OZÓRIO, 2019, p. 106)

Estranho falar dessa presença e não presença das redes sociais, pois durante minha graduação acabava me apoiando continuamente nelas e buscando cada vez mais conteúdos nesses espaços. E esse exercício não era feito só por mim, existem também colegas de curso, professores/artistas e grupos de pesquisas da universidade que comecei a seguir, que também utilizam desse espaço para democratizar o acesso a suas produções, formações e divulgações sobre arte/educação para alunos e professores da área. Em contrapartida, nas disciplinas do curso foram poucos os professores que utilizavam como referência artistas que se apoiam no ciberespaço para postarem suas produções, principalmente se tratando de matérias com conteúdos ligados à arte contemporânea ou a produções de artistas dissidentes ou fora do eixo dominante. Parece que esses artistas simplesmente não existem, desvalidando o espaço das redes como local de exposição para produções e conhecimento.

Imaginemos que estamos numa aula de história de arte. As imagens das obras dos artistas seguem umas atrás das outras a toda a velocidade, enquanto a escuridão da sala faz-nos perder a noção do tempo. Continuamos, durante os quatro meses do curso, a ver e comentar as obras de arte, as grandes obras de arte da humanidade. Leonardo, Michelangelo, Picasso. No final, quando as luzes se acendem, os exames passam e o curso termina, só aprendemos uma coisa: a incapacidade do gênero feminino para a criação artística, porque nenhuma das obras de arte que vimos foi produzida por qualquer mulher, por isso aprendemos mais com o que não vimos do que com o que realmente vimos. (ACASO, 2009, p. 58)

Essa análise pensada por Acaso (2009), sobre disciplinas de história da arte e esse ensino oculto da “incapacidade” das mulheres de produzirem, pode ser reverberada para outras temáticas, como citado acima, a não entrada das tecnologias digitais no currículo de um licenciando. Como se esses espaços também fossem incapazes de acrescentar repertório visual ou de ensinar algo. Essa não utilização dos aparatos digitais nas salas de aula sinaliza um paradigma, pois há uma constância quase onipresente deles no nosso cotidiano, enquanto sua presença nas aulas é limitada. Se fizermos uma pesquisa no *Google Imagens* buscando o verbete “escola” e analisarmos sua estrutura física, percebemos que desde o início do século XX, as salas de aula são muito semelhantes com as de hoje, como se elas estivessem paradas no tempo.

A famosa desculpa que os confinados dão no Big Brother Brasil quando é colocado um colega no paredão, “é por falta de afinidade” não se aplica nesse contexto, pois uma mudança que tem-se vivenciado e que foi acentuada com a pandemia é que há cada vez mais uma afinidade com o ciberespaço. Por isso é importante se questionar o porquê desse distanciamento. As tecnologias digitais são atrativas e têm uma capacidade de educar intuitivamente e ludicamente as pessoas e mesmo assim não são utilizadas de forma mais disseminada, para pensar em novas metodologias de atividades e meios de formação. Assim, parece que o professor e o aluno só possuem a liberdade de utilizá-la quando estão em suas casas ou fora do ambiente educativo.

Para dar embasamento a minha experiência vivida como graduanda em artes, analisei os Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES, abarcando leituras de diferentes currículos, correspondentes aos anos 2006, 2010 e 2019. Essa análise foi feita com o objetivo de compreender o currículo do curso e entender esse

distanciamento com a tecnologia digital, principalmente com as redes sociais, não se limitando na minha perspectiva em primeira pessoa pela vivência nas disciplinas. Visando estabelecer um paralelo e analisar a ementa de cada disciplina oferecida no curso, fiz uma escolha de oito palavras-chave que poderiam se relacionar com internet, virtualidade e redes sociais, sendo elas: tecnologia, tecnologias, tecnológica, tecnológico, tecnológicos, digital, digitais e virtual. A análise foi feita a partir da incidência que cada uma dessas palavras aparecia nos PPCs, comparando o crescimento da presença dos termos ao longo do período:

Projeto Pedagógico de Curso de Licenciatura em Artes Visuais			
	2006	2010	2019
Tecnologia	2	6	9
Tecnologias	0	2	3
Tecnológica	1	1	2
Tecnológico	0	1	0
Tecnológicos	0	1	0
Digital	2	2	6
Digitais	0	4	5
Virtual	1	2	5

Figura 10: Tabela síntese dos resultados quantitativos da pesquisa de verbetes nos Projetos Pedagógicos de Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES

Após a pesquisa desses verbetes, notou-se que a maior parte deles estava ligada a disciplinas que se utilizam das tecnologias digitais como conteúdo da matéria, não como uma metodologia, tal como o caso das disciplinas de Fotografia, Vídeo e Multimeios. Com isso, identifica-se que a tecnologia digital e a virtualidade parecem só entrar como

conteúdo quando elas são parte inerente da linguagem, não sendo exploradas em outras unidades curriculares que versem sobre teoria da arte ou arte/educação, por exemplo.

Essa análise das ementas é ressoada na prática das disciplinas, visto que foram poucas as vezes que tive um contato mais íntimo com aparatos digitais nas disciplinas, a não ser pelo projetor que os professores utilizavam como apoio das suas aulas que eram mais voltadas para o aspecto teórico. Não estou falando que a teorização das disciplinas não é importante, pelo contrário, acredito que deva ter a presença dela como constância na formação do curso. Mas quando se tratavam das referências artísticas, são apresentados aqueles que já possuem um nome de peso no sistema da arte e não artistas que se utilizam de aparatos tecnológicos mais próximos do cotidiano para a sua produção e postagem de conteúdo.

Quando essa ligação está mais forçada pelo nome da disciplina, nas matérias como Histórias da arte, Desenhos, Pinturas, Fundamentos ou Estágios, a presença da tecnologia digital fica muito menor, dando uma sensação que não há um compromisso de aborda-las nas aulas, nem como conteúdo, nem como objeto metodológico. Essa poderia ser uma adição importante para a formação dos licenciandos, vide as transformações da sociedade contemporânea e a interlocução com o campo da arte, que tem se apropriado da tecnologia digital como meio e discurso.

Com essa análise, também pode-se perceber o movimento do currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES para inserir as novas tecnologias digitais como conteúdo de suas disciplinas no decorrer das reformas curriculares, dado perceptível a partir do crescimento de novas palavras e aumento da menção de outras. Ainda assim, a presença dos verbetes é pouco pequena quando comparada a palavras que estão ligadas a um ensino mais tradicional das artes, como a palavra “desenho”, que aparece 42 vezes no PPC de 2019; e também com a vivência cotidiana e a relação estreita com as redes sociais nas relações diárias. Para além dessa quantificação, tenho na minha experiência como aluna a leitura de que fora das aulas a indicação de perfis relacionados a arte é muito maior, identificando como esse movimento acontece muito mais frequentemente entre os alunos.

Muitos dos artistas que estão fora do eixo dominante das artes que conheço foram incorporados ao meu repertório devido às redes e aos algoritmos de recomendação colocados nos perfis e não pelas disciplinas de formação no campo da teoria e crítica da arte. Assim, acredito muito na importância de demarcar a presença nos espaços expositivos e eventos da área de artes, sobretudo somando essa experiência formativa com a facilitação da divulgação e contato das redes, que possibilitam que a arte se torne mais democrática e acessível a todos.

#### **4.2 Sim, não e talvez. Justifique sua resposta**

Em diálogo com as questões até então levantadas sobre as dificuldades enfrentadas durante a pandemia, tive que pensar em como realizar a pesquisa de campo, respeitando o isolamento social. Para isso, trazendo o próprio objeto do qual trato na pesquisa, utilizei o ciberespaço como meio de investigação, criando um *Google Formulários* para dialogar com alunos da graduação em artes visuais, visando compreender como se utilizavam das redes sociais para formação e ampliação dos seus repertórios. Durante o período entre fevereiro e julho de 2021, o documento recebeu 41 respostas de estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da UFES.

O formulário continha um total de 27 perguntas e um TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido). O conjunto de perguntas foi dividido em três partes, a primeira era para conhecer o perfil dos alunos, entendendo quem pertence ao currículo antigo e ao novo e se participa de formações para licenciandos em Artes Visuais, pensando na prática da nutrição estética como um exercício constante que se inicia logo na formação docente. A segunda parte foi pensada para compreender qual tipo de relação cada um dos entrevistados estabelecia com as redes sociais, principalmente visando entender se era comum a utilização das redes como um local para ampliação de referências artísticas. Já a terceira parte objetivava estabelecer uma relação com as redes sociais e o currículo do curso de artes visuais, discutindo as potencialidades das redes sociais como fonte de formação imagética para dentro e fora do curso.

Analisando as respostas dadas pelos alunos, 68,3% deles consomem mais de 3 horas de conteúdos das redes sociais por dia, ou seja, as horas passadas dentro das redes, pode se equiparar ou ultrapassar a quantidade de horas das aulas remotas diárias, dependendo de cada estudante.



Gráfico 1: Análise do consumo das redes sociais

Esse dado mostra como há uma forte utilização delas no cotidiano das pessoas entrevistadas, se calcularmos em comparação com as 24 horas disponíveis em um dia, 1/8 do período é para rolar *feed* ou postar algo. Contudo, importante considerar que esse dado está relacionado a um consumo geral, que pode ou não estar ligado a utilização das redes como captação de novas referências, pois como foi mencionado no capítulo 3, esses espaços possuem a capacidade de ter um aglomerado de conteúdo, onde a filtragem vai acontecer pela utilização do usuário.

Pensando a respeito no consumo das redes sociais, foi refletida no capítulo anterior a capacidade das mesmas atuarem como lugar de divulgação de conteúdo, aproveitando o maior alcance de públicos/fruidores, podendo estar dentro ou fora do mesmo território. Entre os entrevistados também aparecem evidências desses dados, visto que 85,4%

deles acreditam nessa potência das redes sociais, assinalando que elas podem ser bons veículos de divulgação, utilizando-as para publicações próprias ou para consumo.

Você acredita que as redes sociais são bons veículos para divulgação da produção de artistas?

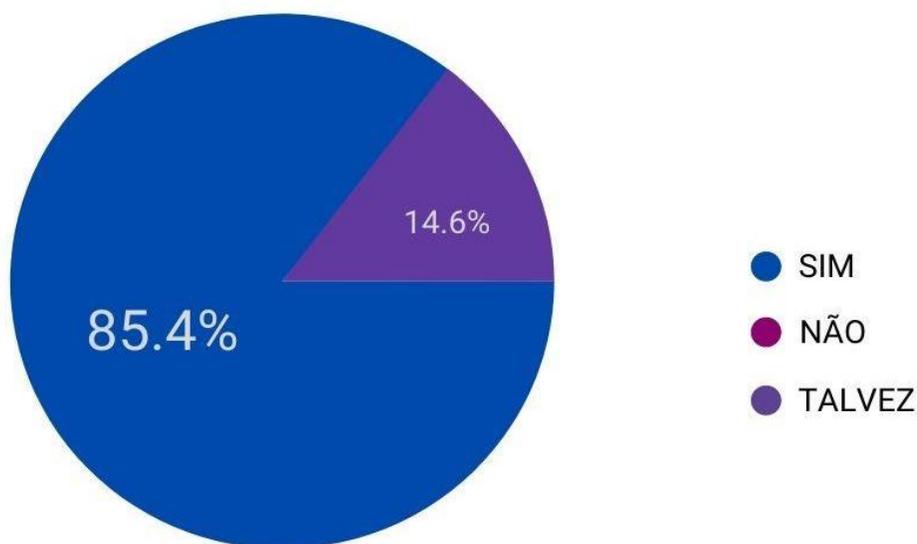


Gráfico 2: Análise das redes sociais como bons veículos de divulgação para o campo da arte

Tendo em conta a potencialidade do ciberespaço, uma das perguntas foi direcionada para saber se os graduandos em Artes Visuais se utilizavam das redes sociais como local de ampliação de referências e 95,1% dos entrevistados assinalaram que sim, se utilizam delas para ampliar o repertório imagético. Uma conclusão interessante dos dados, é que 73,2% dos alunos são do currículo antigo, da versão do PPC de 2010, onde não há a presença tão constante da virtualidade, da tecnologia digital ou das redes como um apoio de ampliação do rol de referências, tal como vê-se agora no currículo de 2019. Cabe demarcar, pelo cruzamento dos dados, que mesmo com essa falta de incentivo da utilização das tecnologias digitais e das redes sociais, os estudantes se apoiam nessas plataformas para tal fim.

Você utiliza redes sociais para ampliar seu repertório visual?

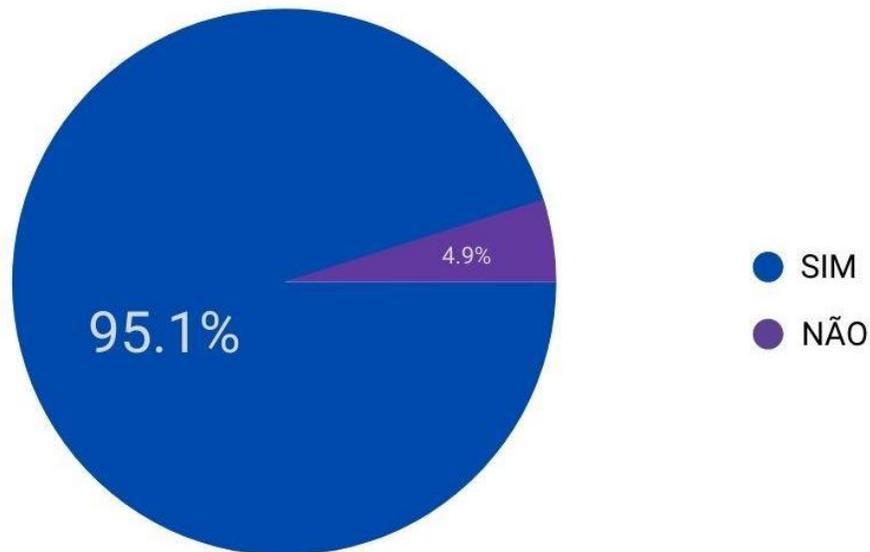


Gráfico 3: Análise das redes sociais como ampliadoras de repertório visual

Também pensando nesse consumo das redes como espaço de captação de referências, uma das perguntas feitas na entrevista foi desenvolvida para saber quais eram as redes que eles mais utilizam com esse objetivo. Das redes sociais apresentadas, o *Instagram* se destacou como a mais potente ferramenta na ampliação do rol de imagens, com 90,2% de menção nas respostas.

Quais redes você mais utiliza para acompanhar perfis voltados para divulgação da arte?

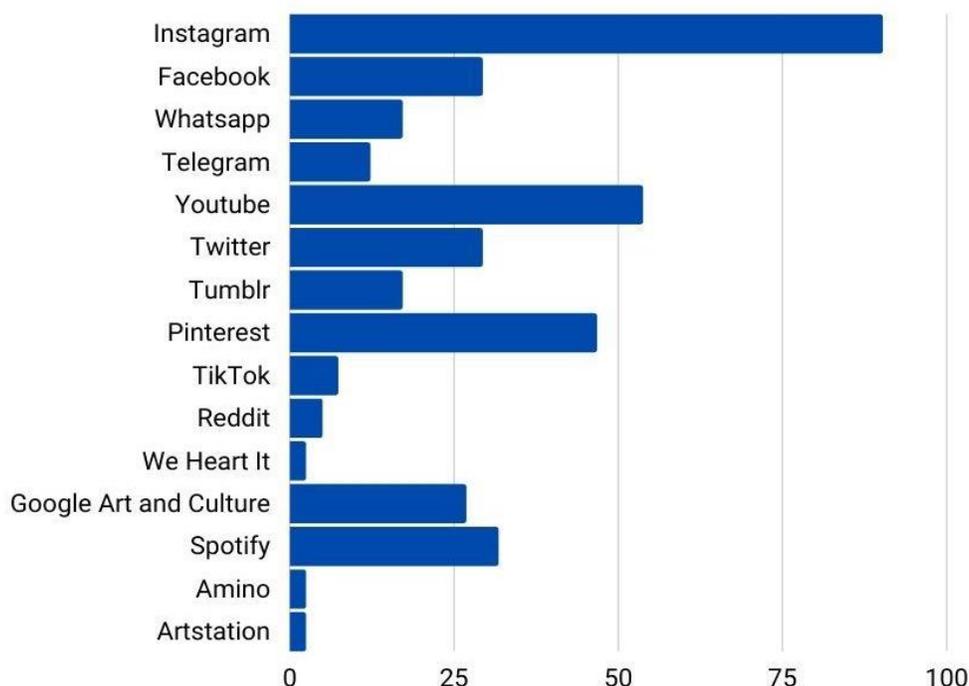


Gráfico 4: Lista das redes sociais mais usadas pelos entrevistados para ampliação do repertório visual

Esse primeiro lugar do *Instagram* não foi só na perspectiva da rede como espaço de consumo da imagem, mas também para divulgação dos trabalhos próprios, visto que 82,9% deles apontaram que usam essa rede para compartilhar suas produções. Para perceber a discrepância do resultado, o segundo colocado é o *Facebook*, com apenas 26,8%. Talvez esse dado seja fruto da estrutura e *display* do aplicativo *Instagram*, em que as postagens devem estar ligadas a uma foto ou vídeo com legendas mais curtas.

Quais redes você utiliza para compartilhar suas produções?

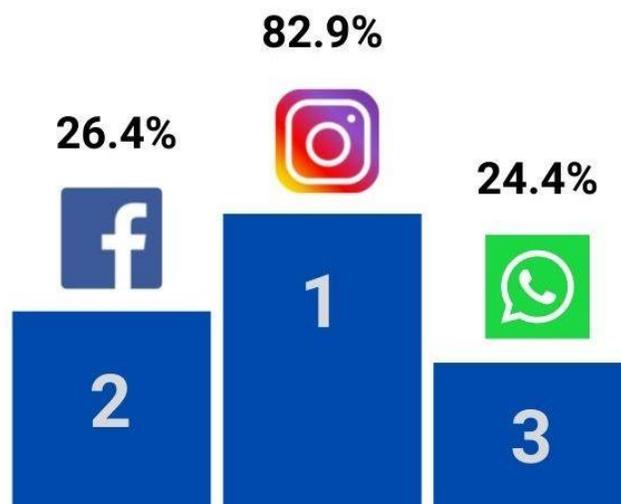


Gráfico 5: Ranking das redes sociais mais usadas pelos entrevistados para compartilhamento de suas produções

Em um dado momento do questionário, se fez necessário pensar em uma pergunta que estava diretamente relacionada ao COVID-19 e ao isolamento social, que afastou o público que consumia arte em espaços expositivos. A pergunta buscava compreender se aconteceu um aumento na quantidade de perfis de artes seguidos nesse período, já que muitos artistas e instituições viram na *web* uma possibilidade de manter remotamente a “normalidade”, pensando em exposições *online* e eventos de formação. O resultado foi que 73,2% dos graduandos responderam que sim, o que era esperado, já que praticamente toda a vivência física cotidiana foi se adequando para o modo remoto.

Durante a pandemia, você começou a seguir mais perfis em redes sociais voltados para a arte?

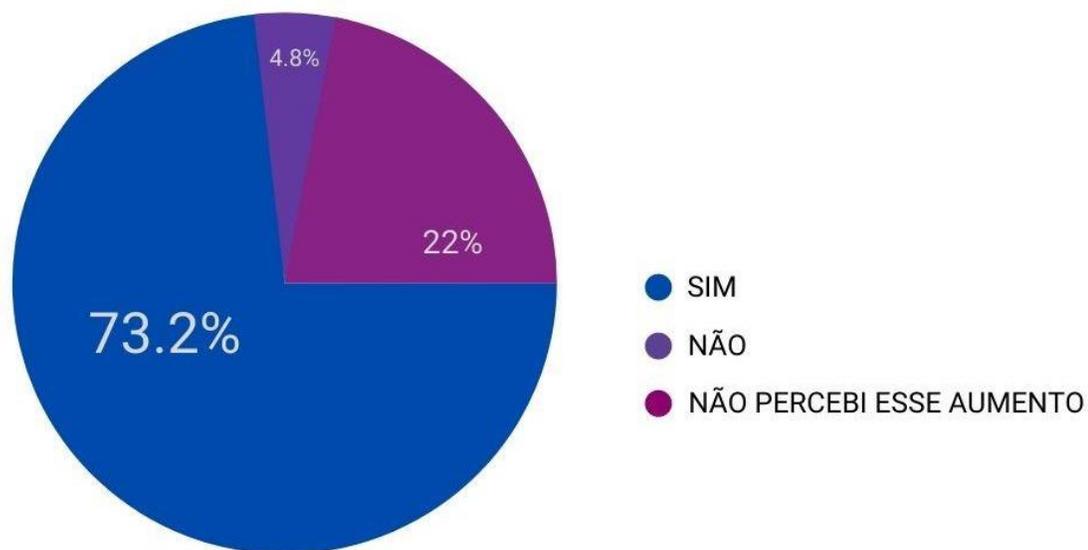


Gráfico 6: Análise da utilização das redes durante a pandemia

Após tantas perguntas direcionadas a um consumo mais pessoal das redes, foi necessário compreender também sobre um assunto que possui talvez um impacto dual, podendo ser positivo ou negativo, os algoritmos. Segundo o resultado da pesquisa, 56,1% dos entrevistados aproveitam essas recomendações que podem aparecer no *feed*, no perfil de outras pessoas ou na aba explorar das redes. Assim, a problemática do consumo editado pela rede aparece nos resultados que são velados, mas a potencialidade dela como aumento do repertório se justifica nas possibilidades de conexão que o algoritmo sugere ao usuário.

Você costuma seguir perfis que são indicados pelo algoritmo oferecido nas redes (recomendação ou aba explorar)?

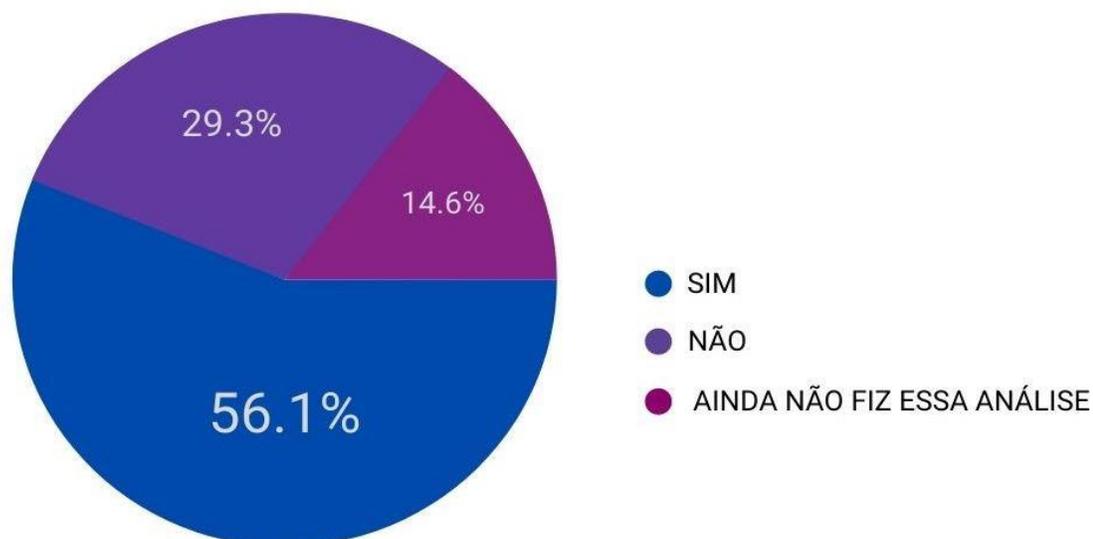


Gráfico 7: Análise dos perfis que são oferecidos pelo algoritmo das redes sociais

Na terceira parte da entrevista, o foco era entender as conexões do currículo oferecido para os alunos e como eles se relacionavam com a virtualidade e as redes. Com isso, a pesquisa mostrou que 87,8% dos entrevistados buscam as redes sociais com objetivo de ampliar suas referências imagéticas fora dos exemplos mencionados nas aulas pelos professores. Esse dado acaba sendo mais relevante quando são analisadas as perspectivas que os entrevistados valorizam quando buscam novos artistas nas redes sociais, contendo os seguintes tipos de produções: mulheres, LGBTQIAPN+, perspectivas fora do eixo Europa e EUA, afrocentradas, indígenas, artistas capixabas, entre outras. Voltando ao ponto supramencionado no capítulo 3, que menciona a capacidade das redes de abranger um público diversificado e fora de um sistema fechado da arte, entrando na discussão atual sobre decolonialidade da arte e o consumo fora do eixo dominante, valorizando minorias que foram sublimadas no decorrer da história da arte, até mesmo na arte contemporânea.

Você procura ampliar o repertório para além dos artistas que são apresentados nas disciplinas?

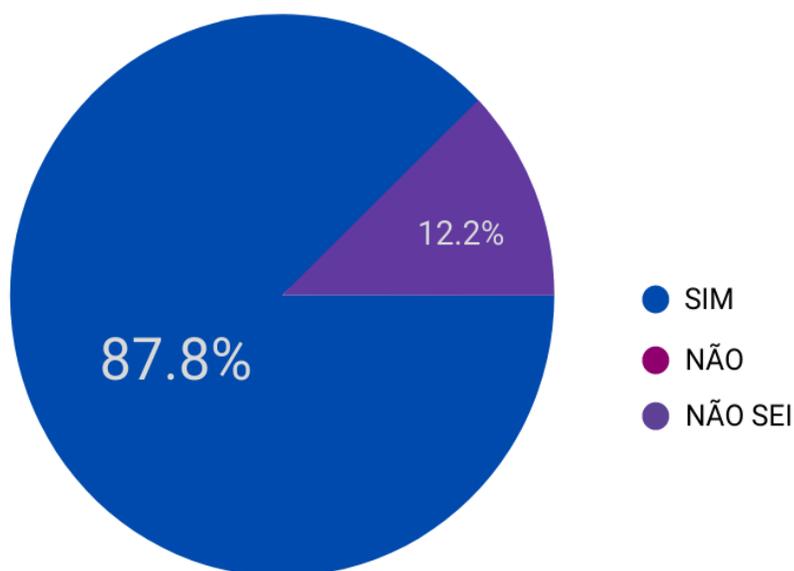


Gráfico 8: Análise da ampliação do repertório visual fora das disciplinas

Até o momento, os resultados apresentados do formulário foram focados na parte quantitativa. O resultado analisado mostrou de forma numérica que as redes sociais possuem potencialidades de estarem presentes nos espaços educativos, sobretudo quando o objetivo está no aumento do repertório visual do professor em formação em artes visuais e - pensando na discussão do capítulo 2, da potencialidade do professor como mediador - dos estudantes da educação básica.

#### 4.3 Professora, pode fazer dupla de três?

Para além das perguntas objetivas, também foram propostas questões discursivas, para que os entrevistados pudessem discorrer mais sobre suas opiniões e experiências que possuem com o período da graduação, a formação de repertório, a nutrição estética e as redes sociais. Com o resultado da pesquisa de campo, meu olhar sobre as potencialidades das redes sociais se desenvolveu, mas os dados também deram

ferramentas para que eu assumo uma postura mais crítica com as possibilidades de reverberações do ciberespaço na formação inicial de professores.

Visando reconhecer o conteúdo das redes sociais como um espaço viável para o compartilhamento das produções artísticas, questionou-se os entrevistados sobre qual era a importância das redes como propagadoras de produções. As palavras que mais se destacaram nas respostas dos alunos foram “divulgação” e “visibilidade”, pontuando seus aspectos positivos tanto para quem se apropria desse espaço expositivo, quanto para o público que se utiliza da ferramenta como banco de referências. A entrevistada número 12 afirmou em sua resposta que:

*“As redes sociais por serem cada dia mais visuais, acabam sendo uma boa oportunidade de divulgar o trabalho, tornando acessível a obra, e por isso conseguem alcançar um número maior de espectadores, alcançando até quem não frequentaria uma exposição física e é uma forma de montar um acervo virtual das criações do artista e de divulgação do trabalho”.*

Conectando com essa possibilidade das visitas acontecerem no modo remoto, o entrevistado número 37 nomeia a *web* como “*galeria virtual*”, pois expande a ideia de não se precisar estar fisicamente em galerias, museus e espaços urbanos para se consumir arte, democratizando ainda mais o acesso. Essas galerias virtuais possuem aparência e expografia muito diferentes dos espaços físicos, pois não há limite da quantidade de obras que o artista possa querer postar, não se limita a um tema, mas a um processo e pesquisa feito pelo artista, atraindo não só quem já o segue, mas atraindo novos públicos ou até mesmo consumidores. Sem contar com a liberdade que os usuários possuem para além das interações comuns de curtir e comentar, podendo deixar salvo dentro de uma galeria interna ou compartilhar em massa nos *stories* e *direct*, tendo a possibilidade de novos seguidores para o perfil do artista, que podem ou não ser da área das artes visuais. Por essa característica da *web* ser um espaço democrático, a entrevistada número 41 pontuou que:

*“As redes sociais propagam as informações com muita facilidade, fazendo com que uma produção atinja um grande público facilmente. Ademais, as redes*

*sociais são menos burocráticas para compartilhamento de conteúdo, diferentemente de galerias e afins”.*

Essa questão dialoga com análise iniciada no capítulo 3, pensando que muitos artistas se apropriaram desses espaços para fazer seus portfólios em formato virtual, podendo estar dentro das redes ou em *sites* próprios, facilitando o acesso do público.

Porém, mesmo com essa facilidade e liberdade, a divulgação na *web* pode ser bem complexa, pois é imprescindível considerar que as redes sociais são empresas que atendem a uma demanda mercadológica. Portanto, para ter um maior alcance de usuários e um engajamento mais sólido, os produtores (artistas, espaços culturais ou grupos de pesquisa) acabam entrando numa rotina exaustiva, de pensar postagens diárias para responder aos propósitos da produtividade neoliberal. Pensando especificamente na relação de dependência e no volume de informações que somos impulsionados a produzir para manter a funcionalidade mercadológica das redes sociais em busca de mais visualizações, Beiguelman (2021, p. 40) comenta:

Em um mundo em que a auto exposição está diretamente relacionada à disputa pela inserção social, a necessidade de tornar-se visível coloca todos na linha compulsiva do “show do eu” de que fala a pesquisadora Paula Sibilia. Isso faz com que, de *influencers* a pessoas comuns, passando por empresas, um enorme contingente de usuários consiga se adequar às normas opacas dos serviços para buscar visibilidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que os algoritmos são o aparato disciplinar de nossa época, que ganha eficiência quanto mais as pessoas procuram responder a suas regras para se tornarem visíveis.

O entrevistado número 23, dialoga com essa rotina, pontuando sobre os lados positivo e negativo das redes:

*“Pensando rede social ao pé da letra, a comunicação em rede tem muitas possibilidades de ser frutífera pelas diversas maneiras de estar conectado a outros indivíduos que ela proporciona. Mas na prática algorítmica elaborada por grandes empresas de mídias sociais como Facebook/Instagram a dificuldade surge na elaboração da visibilidade dos perfis sobre uma perspectiva lucrativa e de produção mecanizada, o que leva a uma exaustão em seu uso, artista, espaços expositivos e museus/galerias são forçados a agirem dentro um mesmo padrão de comportamento influencer e ativo todos os dias a todo*

*momento, interagindo entre si para manter sua visibilidade, o que é extremamente péssimo. Mas pelo lado bom, essa comunicação nos permite descobrir, através de conhecidos de conhecidos, suas produções e mais sobre suas poéticas”.*

Outro aspecto conflitante das redes diz respeito à velocidade de atualização dos conteúdos, que adiciona pontos positivos pela rápida absorção de novas informações, como afirmou a entrevistada número 5:

*“As redes sociais conseguem trazer informações rápidas e objetivas para uma futura pesquisa mais aprofundada sobre os artistas e seus trabalhos, dessa forma acredito no seu potencial de divulgação e valorização desses perfis”.*

Porém, paradoxalmente, essa velocidade também faz questionar sobre a quantidade e a profundidade dos conteúdos que são captados e consumidos pelos usuários, pois a atualização contínua das redes faz com que só o presente importe, gerando um descarte e desgaste constante da informação.

Devido ao comportamento de consumo provocado pelas constantes mudanças da *web*, dificilmente voltamos às informações anteriores disponibilizadas nos perfis das redes quando entramos nelas, queremos ver ou postar o presente, tendo uma lógica de documentação exacerbada, como Beiguelman (2021, p. 140) pontua “Por um lado, vivemos um estado de overdose documental, registrando compulsivamente nosso cotidiano, Por outro, submergimos na impossibilidade de acessar a memória, atrelados à lógica das *timelines* que se ordenam nas redes sociais, sempre a partir do mais atual”. Assim sendo, um bom ponto de partida para se pensar em como utilizar as redes para melhorar sua capacidade como ferramenta educativa, está no exercício de guarda e registro das referências visuais que queremos posteriormente retomar. Uma alternativa encontrada por mim, é fazer pastas na função salvar do meu perfil, usando a funcionalidade da plataforma, arquivando tudo o que quero guardar ou lembrar mais futuramente.

Na busca por entender como funciona a ampliação do repertório visual e o espaço que as redes sociais ocupam, analisamos no capítulo 3 sua capacidade de conectar

conteúdos de diferentes territórios em um só clique, não se limitando aos espaços físicos. Esse aspecto acaba por facilitar na atualização das referências fora da bolha do sistema da arte, sobretudo em se tratando de produções contemporâneas. Isso acontece quando usamos algoritmos a nosso favor, pesquisando mais sobre instituições e artistas do seu território e olhando de forma mais aprofundada o acesso das suas referências, concentrando a busca em perfis que trabalham na indicação de artistas que estejam dentro desse recorte.

Uma crítica interessante feita na respostas da aluna número 39 foi sobre quais são os tipos de arte que mais circulam ou mais ganham engajamento no seu consumo:

*“Em geral, elas podem nos inspirar e nos situar dentro da cultura visual vigente, mas ao mesmo tempo não vejo como uma ampliação de repertório visual de fato pois muito do que transita nas redes sociais enquanto 'arte' são versões mais 'higienizadas' e digeríveis do que está na moda ou em tendência, por exemplo, os famigerados desenhos digitais de meninas do padrão Instagram, sendo mais específica, ilustrações digitais de meninas brancas, magras e maquiadas”.*

O que se confirma, pois pensando a partir de uma experiência mais pessoal, no início das minhas buscas de referências, essas eram as produções que mais apareciam no meu explorar, porém, com o tempo isso foi se modificando, já que meu repertório dentro do curso foi crescendo e tensionando os limites das possibilidades da arte nesse local e nessa perspectiva.

Talvez, esse seja um dos motivos para que os professores tenham uma resistência na utilização das redes sociais como local de busca ou de recomendação para conhecer novos artistas. O entrevistado número 1 fala um pouco da sua experiência como aluno nas salas de aula:

*“Acredito que de impacto mediano, talvez baixo. Hoje vejo uma profusão da produção de arte digital, mas uma resistência de alguns professores em aceitar a discussão como válida (alô David Hockney rs), enfim”.*

Assim, cabe considerar que a ampliação e mudança das referências citadas nas aulas poderiam ser um mote para a difusão da tecnologia digitais como temática das aulas em diferentes disciplinas do curso.

O processo de procura de novas referências, mesmo quando realizado de forma intencional, não é muito fluido em princípio, pois é como se as redes sociais tivessem camadas de acesso, dos mais populares para os menos conhecidos. Assim, para serem acessadas referências diferentes das convencionalmente apresentadas no senso comum ou na divulgação comercial do campo da arte, demanda-se tempo e reformulação dos algoritmos. Isso não descredibiliza o fato das redes sociais terem um bom acervo virtual ou desconsidera que podem auxiliar muito no currículo do curso, pois como afirma o entrevistado número 22:

*“A troca de referências e diálogo que as mídias promovem é importante para renovação do próprio sistema da arte para fora dos eixos hegemônicos, dando a ver outras perspectivas que ainda não estão ou não foram assimiladas pela academia e outros saberes que nunca conseguirão ser contemplados a partir de padrões de ensino atuais”.*

Analisando os tópicos acima, nota-se as potências e as fragilidades das redes sociais, por isso, também foi investigado entre os alunos como elas podem influenciar na formação de um professor em Artes Visuais. Para além da ampliação do repertório, também foi mencionado pela entrevistada número 17 a respeito da conexão que a sociedade possui com as tecnologias digitais, pensando também nas possíveis reverberações de debates que estão ligados às vivências contemporâneas:

*“Não podemos mais nos separar da tecnologia. As redes sociais estão presentes desde os debates mais boêmios até os mais complexos envolvendo políticas públicas e economia. Dessa forma, na participação de fóruns ou comentários de uma publicação, é possível agregar na luta da classe ou na formação de opiniões pertinentes a formação”.*

Beiguelman (2021, p. 31) vai de encontro com essa fala, ao ponderar que “Não seria exagero afirmar que a cultura visual contemporânea é indissociável da produção

imagética nas redes”. Essas pontuações podem ser complementadas pensando em debates sobre a cultura visual vigente e as produções de arte contemporâneas, que dialogam com as vivências dos alunos, independente do período da educação, indo do básico ao universitário.

Interessante considerar também como nesse período pandêmico a resolução da manutenção dos sistemas de educação de maneira geral foi se apoiar no ciberespaço, onde professores e alunos puderam participar de formações que seriam presenciais em outros territórios em apenas alguns cliques de distância. Outro fator que influenciou uma mudança de metodologia foi a utilização da internet e das plataformas digitais como espaços de postagens de trabalhos, assim, alguns professores agregaram a utilização das redes como espaço de portfólio de atividades. A entrevistada número 36 disse sobre isso:

*“Atualmente com o isolamento social e a situação da pandemia, o professor de artes visuais precisa encontrar meios para que possa incrementar em suas aulas remotas temas e assuntos que os alunos tenham mais acessibilidade. E como as redes sociais são as ferramentas que os alunos mais utilizam, acredito que quanto mais o professor tiver domínio sobre tais ferramentas maiores será a ampliação de seus conhecimentos. Além disso, destaco a grande ocorrência de lives e formações online que estão sendo ofertadas por meio das redes sociais, com assuntos bem pertinentes que auxiliam na formação do professor de artes visuais”.*

Diante das contribuições dos meus colegas de curso e futuros arte/educadores, percebo que há uma familiaridade grande com o ciberespaço e um desejo de que esse fosse considerado com maior frequência no seu processo de formação, visto que a maioria já utiliza das redes como local de busca de referências. Por isso, concluo que existe a possibilidade da inserção das redes sociais nas aulas de arte, deflagrando um potente espaço de interlocução do curso com as plataformas digitais. Contudo, é imprescindível demarcar também como as redes estão entrando de forma lenta nos espaços educativos em formato de conteúdo ou metodologia de artes, pois por vezes as tecnologias digitais

ainda são vistas com certo receio, ainda mais com a sua capacidade de retirada de foco dos alunos e perda do aparente controle dos processos educativos.

Um possível caminho para que as redes sociais sejam utilizadas de forma benéfica percorre primeiramente entender como elas funcionam, observando seus pontos positivos e negativos que podem reverberar em diálogos importantes da vivência contemporânea, considerando ampliação de repertório, interlocução com os modos de produção dos artistas e conexão com modos de socialização que estão em desenvolvimento e ebulição em grande parte dos nossos sistemas de ensino. Não é de hoje que discutimos sobre como as redes sociais mudaram as dinâmicas relacionais: acessamos muitas informações em segundos, compartilhamos dados com desconhecidos e potenciais aprendizes, o meme se tornou uma forma de comunicação e o compartilhamento de imagens e vídeos ganhou espaço na experiência cotidiana.

(...) as imagens da tela possuem uma realidade mais intensa e vívida que a do nosso cotidiano. Ganhando dimensões tridimensionais e multiplicando-se em canais online, como o Instagram e o TikTok, as imagens tornaram-se um dos espaços mais importantes de sociabilidade e comunicação do século XXI. (BEIGUELMAN, 2021, p. 31)

Não se sugere que as redes sociais devam virar propriamente um conteúdo de artes, mas que possam atuar de modo paralelo ou acréscimo de informações, como um espaço de compartilhamento e prática da nutrição estética. Refletindo que nem sempre o local onde o futuro professor de artes irá lecionar terá espaços expositivos, as redes sociais poderão ser um meio interessante de se pensar o acesso dos públicos aos espaços promotores da arte, para que a ampliação do repertório esteja além dos livros didáticos e referências que dominam o sistema artístico. O resultado da análise das respostas dos alunos evidencia que eles estão abertos à utilização das redes como práticas dentro do ensino da arte e da formação docente, considerando, inclusive, que elas podem ser um espaço potente de se trabalhar na sala de aula.

## **Considerações Finais (É hora de dar tchau!)**

Apesar de viver em uma sociedade em que muitas das relações são mediadas pelas redes sociais, os espaços educativos ainda parecem possuir resistência na utilização delas como forma de formação do repertório imagético ou metodologia, como se os seus conteúdos não fossem válidos para estarem presentes no processo de ensino ou como se a conectividade fosse uma forma de alienação dos processos educacionais. Em se tratando do ensino da arte, essa resistência implica um paradoxo quando se pensa na quantidade de perfis que se apoiam no ciberespaço, como instituições artísticas, grupos de pesquisas e artistas contemporâneos, além dos conteúdos da cultura visual que podem se relacionar com discussões do currículo do campo da arte.

No meu curso no ensino superior tive a possibilidade de utilizar dos dispositivos tecnológicos de forma mais livre, sobretudo incorporando o celular como ferramenta e suporte para as disciplinas. Indo além da comunicação, podia fazer pesquisas, ter acesso a textos das aulas e a aproveitar a possibilidade de utilizá-lo como suporte de produção das atividades. Igualmente, meus professores da graduação também se apoiaram nesses dispositivos, tendo sempre a presença de um *notebook* e projetor como recursos recorrentes das aulas, fossem práticas ou teóricas. Contudo, mesmo com todo o acesso, a utilização das tecnologias digitais na educação caminha a passos lentos, sendo muito diferente da vivência cotidiana contemporânea.

Essa pesquisa contribuiu para que fizesse uma análise mais aprofundada sobre esse afastamento das redes sociais das disciplinas da graduação, o que causa estranhamento, visto que esse distanciamento é dimensionado apenas nas aulas, não em outras demarcações da Universidade. Em paralelo à lacuna das redes dentro do formato curricular, pude perceber que o movimento de se utilizar as redes sociais como banco de referências entre os alunos da graduação era recorrente, tal como acontecia no meu processo individual de formação.

Nota-se que a sociedade teve uma crescente nos acessos aos dispositivos tecnológicos que possibilitam a utilização da internet, o que foi acentuado pelas condições impostas pela pandemia. A democratização aconteceu também com o acesso às redes sociais,

dando a possibilidade de acompanhar de forma próxima as produções de artistas ou bastidores de exposições, o que tornou seu conteúdo mais atrativo para os consumidores de arte. Diferentes perfis viram a capacidade desses espaços para um aumento de visibilidade e construção de público de diferentes territórios, que antes precisavam estar nos espaços físicos para consumir referências artísticas.

Outra potencialidade das redes está na possibilidade de poder conhecer artistas ou instituições virtuais, que estão fora do sistema dominante da arte, indo além das referências utilizadas nas aulas. Essa diversificação do público e dos produtores que utilizam das redes pode abarcar referenciais que não são recorrentemente incluídos nas aulas de história da arte, como: mulheres, LGBTQIAPN+, perspectivas fora do eixo Europa e EUA, afrocentradas, indígenas, artistas capixabas, entre outras. Aumentar o rol de artistas faz parte da rotina de um pesquisador/educador/artista e quando se abre um leque mais abrangente torna-se o processo de aprendizagem e compartilhamento de saberes mais complexo. Indo ao encontro da crítica de Acaso (2009) sobre a não entrada das mulheres nas referências do campo da arte, pensando em como isso pode educar ocultamente e erroneamente a incapacidade das mulheres (ou dos exemplos acima) de produzir arte. Por isso, é necessária a diversificação dos referenciais imagéticos, proposição que pode ser potencializada pelas redes sociais.

As redes estão em constante atualização, com isso cada dia entram novas atualizações, informações e usuários, sendo alargado o domínio dos territórios virtual e visual. Esse aglomerado de conteúdo pode ser muito potente ou limitante. Digo isso porque temos acesso a muitas referências visuais que nos atravessam diariamente, buscando ter atualizações diárias de novos artistas, produções, eventos, formações e exposições, contudo, são tantos conteúdos que ficamos perdidos e mal conseguimos filtrar e formar nossas curadorias.

Pensando especificamente nas redes como modo de compartilhar produções - e não só no consumo como usuários -, outra fragilidade sobre a rapidez dos conteúdos expostos diz respeito ao modo de enquadrar a informação, visto que as publicações precisam ter a capacidade de parar o incessante movimento de rolar o *feed*, buscando atrair os

públicos independente dos conteúdos que constituem sua produção. Assim, existem certas convenções: a linguagem não pode ser muito formal, nem muito extensa, caso contrário o interesse dos usuários passa. Isso faz com que os conteúdos postados sejam cada vez mais rasos, indo em choque com o processo de educar nas salas de aula, que se propõe ser um movimento mais pausado e detalhado, para que o aprofundamento das informações aconteça naquele espaço. Nas redes, nem sempre é assim, muitos perfis de artistas ou divulgações não se apegam aos detalhes, passando poucas informações verbais nas legendas e produzindo conteúdos mais visualmente atrativos do que verdadeiramente educativos.

Apesar disso, as redes sociais ainda são um bom lugar para quebrar as barreiras territoriais e acadêmicas do sistema da arte, já que pessoas de núcleos diferentes podem acessar esses conteúdos. Falo por mim, que sempre que posso, partilho nos meus *stories* ou no *feed* algo que acho interessante, na maioria das vezes com conteúdos sobre arte. Assim como passo a conhecer muitos trabalhos pelo diálogo com os demais usuários que compõem minha rede. Esse movimento de compartilhamento também é pertinente para arte/educadores, trazendo de forma mais horizontal os conteúdos de artes, se aproximando da rotina das pessoas, mostrando que arte não se vê apenas em museus e galerias.

Assim, ao final desse processo de pesquisa me pergunto o por que de não utilizar do ciberespaço para captação de referências. Entendo suas fragilidades, mas como supramencionado no capítulo anterior, 1/8 do dia das pessoas é para utilizar as redes sociais. Se as pessoas se apropriam desses espaços, é por que algo de positivo se constrói nessa relação. Não sugiro mudar o currículo do curso de forma a dominá-lo pelas novas tecnologias digitais, mas seria interessante pensá-lo em maior conexão com o ciberespaço, sobretudo pensando em metodologias de ensino que as redes podem provocar nas salas de aula. Percebo que durante minha graduação, as redes sociais ocuparam um grande espaço no papel da nutrição estética, pois pude ampliar a discussão e a narrativa construída nas disciplinas, adicionando ao meu repertório artistas de diferentes territórios.

Com o resultado da pesquisa de campo, percebo que os futuros professores da área de artes possuem menos restrições com as redes sociais, sendo mais abertos para a sua utilização nas aulas. Indicando um ponto positivo para a valorização das redes como espaço de referência. As reflexões estabelecidas com a pesquisa e as experiências vivenciadas mostram que estamos a cada dia mais dependentes das tecnologias digitais e das redes, considerando ainda que elas de alguma forma chegam na educação, indireta ou diretamente. Por isso, acredito que essa pesquisa não se esgota por aqui, dando possibilidades de reverberações para futuras análises. A partir do que foi construído, pode-se pensar em formações ou diálogos com professores do ensino básico e superior, pensando nas potencialidades das redes sociais no ensino das artes, mostrando como utilizar elas em parceria com a educação.

## Referências

ACASO, María. **La educación artística no son manualidades**: Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual. Madrid: Editora Catarata, 2009.

ACASO, María. MEGÍAS, Clara. **Art thinking** - Cómo el arte puede transformar la educación. Barcelona: Paidós educación, 2017.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem**: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Educação e Cibercultura**: ensinar e aprender com as imagens digitais nos processos comunicacionais na/da internet. In: Informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 2015.

FERREIRA, Emmanoel; COSTANTINO, Fernanda Angelo; LIMA, Juliana Souza. **Cotidiano e Instagram**: efemeridade e narrativas de si no recurso Stories. In: Esferas, Brasília, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, v. 6, n. 11, p. 151-161, jun./dez. 2017

FORTE, Marcelo. Repertório visual na formação do professor de artes visuais. **Anais do 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**: Subjetividades, utopias e fabulações; set./out. 2011; Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011

MARTINS, Mirian Celeste. **Arte, só na aula de arte?**. In: Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

MARTINS, Mirian Celeste. **Curadoria educativa: inventando conversas**. In: Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2006.

PESSI, Maria Cristina Alves dos Santos. **Illustro imago** - professoras de arte e seus universos de imagens. Tese (Pós-Graduação em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 152. 2008.

ROCHA, Julia; GÓES, Margarete Sacht; BARBOZA, Helena Pereira. Mulheres na arte: Ampliando referências da história para o ensino da arte. In: **Anais do 29º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil** - 7º Congresso Internacional de Arte/Educadores “Nortes da Resistência: Lugares e contextos da Arte-educação no Brasil”, 2019, Manaus. p. 1791-1802.

SANTOS, Edméa; OZÓRIO, Gabriela. **Twitter na educação**: pesquisando nas e com as redes sociais digitais. In: Educação em Análise, Londrina, v. 4, n. 1, p. 99-114, jan./jul. 2019.

VIEIRA MARTINS, Isabela. **Transversalidades entre arte contemporânea e educação:** contexto histórico e aproximações com o contexto escolar. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 86. 2020.

WEBER, Aline; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa. **Caiu na rede é peixe:** o currículo no contexto das redes sociais. In: Conhecimento e diversidade, Niterói, v. 4, n. 8, p. 56-75, jul./dez. 2012.